



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**BRUNA OLIVERIO REZENDE**

**PLATAFORMA VIRTUAL “NOVO PROFESSOR”: DA NARRATIVIDADE EXITOSA  
SOBRE O PROFESSOR E SOBRE A AULA.**

Araguaína – TO

2019

BRUNA OLIVERIO REZENDE

**PLATAFORMA VIRTUAL “NOVO PROFESSOR”: DA NARRATIVIDADE EXITOSA  
SOBRE O PROFESSOR E SOBRE A AULA.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Câmpus Araguaína, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus Leite

ARAGUAÍNA – TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- R467p Rezende, Bruna Oliverio .  
Plataforma virtual "Novo Professor": da narratividade exitosa sobre o professor e sobre a aula.. / Bruna Oliverio Rezende. – Araguaína, TO, 2019.  
57 f.
- Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –  
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,  
2019.
- Orientador: João de Deus Leite
1. Análise de Discurso. 2. Aula Exitosa. 3. Discursividade. 4.  
"Novo Professor". I. Título

**CDD 469**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

BRUNA OLIVERIO REZENDE

PLATAFORMA VIRTUAL “NOVO PROFESSOR”: DA NARRATIVIDADE EXITOSA  
SOBRE O PROFESSOR E SOBRE A AULA.

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Letras/Português, da Universidade Federal do Tocantins (UFT) - Câmpus Araguaína, como pré-requisito para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus Leite

Data de Aprovação \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. João de Deus Leite (UFT)  
Orientador

---

Prof. Dr.(a) Luíza Helena Silva (UFT)  
Examinador (a)

---

Prof. Dr.(o) Wallace Rodrigues (UFT)  
Examinador (a)

Dedico este trabalho aos meus pais que não mediram esforços para me ajudar no que fosse necessário para a realização desse sonho, o da graduação. Dedico também as pessoas que participaram e contribuíram de forma direta ou indireta no decorrer da graduação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me fortalecer sempre nos momentos em que eu me encontrava desmotivada em cumprir com a jornada acadêmica.

Aos meus pais: Iraides Oliverio Rezende e Doacir Rezende, pelo esforço sempre contínuo em me ver graduada e, também, pelas cobranças em relação aos meus estudos. Agradeço a Deus por vocês serem os meus pais.

Aos familiares e aos amigos que, de forma indireta ou direta, foram fundamentais, para que este sonho pudesse se concretizar. Agradeço a Deus por vocês existirem em minha vida.

As minhas amigas da faculdade: Lidiane Alves de Freitas, Vanessa Araújo e Lucélia Araújo, por estarem comigo em todo o percurso da graduação.

Ao Prof. Dr. João de Deus Leite, pelas orientações e pela dedicação.

A todos os meus professores, desde a educação básica à educação superior, pelos conhecimentos que adquiri ao longo de minha jornada escolar e acadêmica.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT), na pessoa do diretor do Câmpus Araguaína, Prof. Dr. José Manoel Sanches da Cruz, por todas as experiências vivenciadas que foram pertinentes à minha formação.

## RESUMO

Neste trabalho, enfocamos 05 vídeos disponibilizados na plataforma virtual “Novo Professor”, no *youtube*, tendo o seguinte objetivo geral: problematizar e analisar o modo como o professor e a aula são significados em tais vídeos. Inscritos em pressupostos da Análise de Discurso francesa de orientação pecheutiana, concebemos esses vídeos como objetos simbólicos, os quais são frutos de uma historicidade. É que eles nascem no âmbito da prática discursiva de se produzir vídeos pedagógicos, tendo em vista a *cyber* circulação. A problematização que empreendemos, neste trabalho, está circunscrita ao fato de que esses vídeos põem em circulação discursividades prontas para usar e consumir acerca do que é o professor e a aula. A depender de quem entra em contato com as discursividades “prêt-à-porter”, a questão da complexidade é superficializada em prol do que estamos demonstrando de “narratividade exitosa sobre o professor e sobre a aula”. Por meio de recortes discursivos (RD), selecionados das transcrições fonéticas dos vídeos em foco, procedemos ao batimento entre transcrição e interpretação dos recortes, de maneira a evidenciar como as relações de adjetivação e de adverbialização significam o professor e a aula. A orientação discursiva ancora a perspectiva de que essa significação não nasce do nada, ao contrário, ela possui uma ancoragem na e pela historicidade. As análises mostram que o professor e a aula são significados à luz de uma discursividade tecnicista, criando a ilusão de que bastaria seguir os procedimentos discursivizados nos vídeos para se ter o que eles denominam de “aula de excelência”. Pautados em uma discursividade neoliberal, a significação sobre o professor e sobre a aula integram a visada da educação como mercadoria a seu consumidor.

**Palavras-chaves:** Análise de Discurso; Aula exitosa; Discursividade; “Novo Professor”; Plataforma Virtual.

## ABSTRACT

In this work, we focus on 05 videos available on the "Novo Professor" virtual platform, on YouTube, with the following general aim: problematize and analyze how the teacher and class are signified in such videos. Inscribed in the assumptions of the French Discourse Analysis of Pecheutian orientation, we conceive these videos as symbolic objects, which are fruits of a historicity. It is that they are born within the scope of the discursive practice of producing pedagogical videos having cyber circulation. The problematization we undertake in this work is limited to the fact that these videos put into circulation discursivities ready to use and consume about what is the teacher and the lesson. Depending on who comes in contact with the discursivities "prêt-à-porter", the complexity issue is superficialized in favor of what we are demonstrating of "successful narrativity about the teacher and about the classroom." Through discursive cuts (RD), selected from the phonetic transcriptions of the videos in focus, we proceeded to beet between transcription and interpretation of the clippings, in order to show how the adjectivation and adverbialization relations mean the teacher and the lesson. The discursive perspective anchors the perspective that this meaning does not arise out of nothing, on the contrary, it has an anchorage in and by historicity. The analyzes show that the teacher and the class are signified in the light of a technician discursivite, creating the illusion that it would be enough to follow the discursive procedures in the videos in order to have what they call a "class of excellence". Guided in a neoliberal discursivity, the meaning of the teacher and the class integrate the vision of education as a commodity to its consumer.

**Key Words:** Discourse Analysis; Class of Excellence; Discursivities; "Novo Professor"; Virtual Platform.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Página inicial do canal “Novo Professor” .....	22
Figura 2: Tela inicial dos vídeos da seção “Dicas para preparar aulas melhores” ...	24
Quadro 1: Informações dos cinco vídeos descritos .....	26

## LISTA SIGLAS

ESC	Estágio Supervisionado Curricular
UFT	Universidade Federal do Tocantins
AD	Análise de Discurso
RD	Recorte Discursivo

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	13
1 CAPÍTULO TEÓRICO: CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS: A PERSPECTIVA DISCURSIVA EM CENA.....	16
1.1 Discursividades para o professor: contextualização .....	19
2 CAPÍTULO METODOLÓGICO .....	22
2.1 Caracterização da plataforma virtual “Novo Professor” .....	23
2.2 Processo descritivo dos vídeos em foco (recortes de análise).....	24
2.3 Procedimentos de constituição do <i>corpus</i> : .....	28
2.4 Procedimentos de análise.....	29
3 CAPÍTULO ANÁLITICO.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	55
REFERÊNCIAS.....	57

O sentido não para; ele muda de caminho (ORLANDI, 2007, p. 13).

## INTRODUÇÃO

As diretrizes oficiais que orientam a estruturação dos cursos de licenciatura, no Brasil, especificam a relevância de disciplinas teóricas e pedagógicas, bem como de disciplinas de Estágios Supervisionados Curriculares obrigatórios. É o caso, por exemplo, da Lei 11.788/2008 (Art. 1º e seu § 1º). Essa lei menciona que o estágio tem como principal foco o aprendizado, no que se refere às competências próprias de atividades de cunho profissional, como, também, a contextualização curricular, que objetiva o desenvolvimento do estudante na vida social e profissional.

Por ser licenciatura, os cursos precisam criar condições para que o acadêmico se forme na condição de professor, que dê conta do planejamento e da execução de uma aula, por exemplo. Em relação ao Estágio Supervisionado Curricular (ESC), ressaltamos que o acadêmico dispõe de uma carga horária teórica, que é cumprida na universidade, e prática, que é realizada na escola. Enfatizamos que, na parte prática da ESC, o acadêmico tem a possibilidade de vivenciar experiências que são de fundamental importância para sua formação profissional em relação a todas as atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula.

É no ESC que, o aluno poderá praticar e desenvolver os seus conhecimentos, as suas metodologias e as suas orientações, que foram adquiridos no decorrer da graduação. Destacamos que o incentivo e a obrigatoriedade à realização de estágios, veio como uma forma de aproximar os acadêmicos da realidade própria no mundo do trabalho, estabelecendo oportunidades que visam à vivência dos estagiários com as práticas profissionais e, ao mesmo tempo, podendo, também, enriquecer e requalificar a formação acadêmica

O objetivo em si do ESC é fazer com que o futuro docente possa ter um contato direto com a sala de aula, pois ele é a junção de “dois mundos”, o acadêmico e o profissional. É imprescindível que o futuro professor saiba articular e relacionar todos os saberes construídos no decorrer da graduação e, assim, construir uma metodologia de ensino que qualifica e ressignifica o papel do futuro professor. Para tanto, os ESC buscam criar condições que possibilitam o acadêmico construir as suas metodologias de ensino, no ato discursivo da aula, considerando as possíveis contingências de uma aula.

O acontecimento da aula para o aluno pode se dar de várias maneiras, considerando que o professor não tem garantia da produção dos saberes que,

possivelmente serão construídos a partir daquela aula para o aluno. Desse modo, pressupõe-se um tom subjetivo da aula para o aluno como, também, para o professor. A partir dessa perspectiva, podemos caucionar que a aula pode evidenciar saberes que o acadêmico constrói e que são possíveis de desenvolverem no decorrer da graduação. Na disciplina dos ESC, o acadêmico se depara com o momento de planejamento de suas aulas, o que demanda o desenvolvimento de suas metodologias. A partir desse desenvolvimento metodológico, algumas plataformas virtuais disponibilizam vídeos de forma gratuita e que dão e/ou dicas ou procedimentos que o futuro professor pode fazer para que sua aula tenha excelência. É o caso do canal “Novo Professor”, encontrado na plataforma virtual *youtube*.

De acordo com a problematização apresentada anteriormente, partiremos da seguinte pergunta: como o professor e aula são significados na plataforma virtual “Novo professor”? Dependendo dessa significação e, também, do perfil dos professores que acessam esse tipo de plataforma virtual, a aula planejada a partir dos procedimentos que são enunciados nesses vídeos postulam uma problemática de ressignificação do professor e da aula.

Em relação ao professor, tais discursividades estabelecem que, para que a aula seja excelente, até mesmo em relação ao ensino e à aprendizagem dos alunos, é preciso seguir as regras e os procedimentos que são enunciados nos vídeos do canal em discussão. Considerando o fato de que essas discursividades enunciam que a aula pode ser de excelência, essas plataformas ganham, cada vez mais acessos, evidenciando uma maior circulação desses materiais prontos e acabados no meio de professores em formação inicial e, até mesmo, entre professores que já atuam na docência.

Neste trabalho, problematizamos e analisamos o modo como o professor e aula são significados em cinco vídeos do canal “Novo Professor”, disponíveis na plataforma virtual *youtube*. Essa significação coloca o professor em uma dimensão de consumista, que está na busca por materiais prontos e acabados denominados de “prêt-à-porter”. Neste trabalho, estamos concebendo que esses materiais estão integrados a uma discursividade “prêt-à-porter”.

Para tanto, mobilizamos recortes discursivos (RD) das transcrições produzidas dos cinco vídeos foco da análise e, a partir destes recortes, constituímos o *corpus* deste trabalho. Objetivamos, por meio dos RD, apresentar as enunciações

feitas pelos locutores que apresentam os vídeos em questão, buscando pensar no modo como o professor e a aula são significados, a partir de uma narratividade exitosa, discutindo também, como essa narratividade ganha outras formas de subjetivação.

Para atingir os fins a que nos propomos, alicerçamos o nosso trabalho no aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) francesa, tecida por Michel Pêcheux e por Eni Orlandi, e que nos faz pensar na linguagem que está sempre em movimento, construindo, assim, diferentes sentidos. Essa movência de sentidos está, sempre, em formulação, pois o ser humano traz consigo uma historicidade.

Organizamos este trabalho em três capítulos. O primeiro enfoca a nossa incursão teórica na AD pecheutiana; abordamos as noções de discurso, de sujeito e da construção de sentidos, que permeiam uma materialidade linguístico-histórica para essa área de conhecimento. Assim, buscamos caucionar, teoricamente, o nosso trabalho, considerando o que problematizamos em relação aos vídeos foco de análise, tomados como objetos simbólicos. No segundo capítulo, descrevemos o caminho metodológico que percorremos considerando os objetivos traçados para este trabalho. Ainda sobre este capítulo, caracterizamos a plataforma virtual “Novo Professor”, descrevemos as características dos vídeos inseridos no canal e apresentamos o procedimento de constituição do nosso *corpus*, assim como o procedimento de análise. Com relação ao terceiro capítulo, este compreende as análises dos recortes discursivos (RD) dos vídeos, foco desta pesquisa. Trata-se do nosso mo(vi)mento de análise, em que descrevemos a materialidade histórica e, em seguida, abrimos espaços de interpretação, elencando os efeitos de sentido engendrados.

## 1 CAPÍTULO TEÓRICO: CONSTITUIÇÃO, FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS: A PERSPECTIVA DISCURSIVA EM CENA

Buscando lançar luz para o modo como o professor e a aula são significados em vídeos da plataforma particularizada para este trabalho, no presente capítulo, fazemos uma incursão em pressupostos da Análise de Discurso francesa (doravante, AD), preconizada por Michel Pêcheux, cujo campo epistemológico concebe a linguagem como heterogênea e opaca. Para tanto, reportarmo-nos às teorizações de Pêcheux (2014[1969]; 2014[1975]) e de Orlandi (2005; 2012), perseguindo os conceitos de discurso, de sujeito e de sentido, pois eles nos ajudam a pensar nesses vídeos como objetos simbólicos.

Por serem objetos simbólicos, na esteira da Análise de Discurso, vemos que os vídeos contam com três planos: o da *constituição*, que se refere aos sentidos que se historicizam e que, por isso, é o plano da habilitação destes na e pela história; o da *formulação*, que diz respeito ao processo de agenciamento das formas da língua e de outras materialidades simbólicas em um uso específico; o da *circulação*, que concerne aos suportes tecnológicos (de papel e/ou digital, por exemplo), os quais acabam pondo os diferentes sentidos em contato com as discursividades produzidas.

Dessa maneira, é possível destacar que os vídeos, em sua materialidade verbal e não verbal, inscrevem-se e habilitam sentidos constituídos sobre o professor e a aula, esses sentidos não nascem do nada, pois há uma determinação histórica sobre eles. E, na sociedade contemporânea, esses sentidos passam a circular, até em função da discursividade capitalista que produz o sentido da educação como mercadoria.

Para Orlandi (2005, p. 26), “a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos.” Assim, filiados a essa corrente teórico-metodológica, interessamos compreender o processo de significação dos objetos simbólicos que problematizamos neste trabalho. Não buscamos origens, mas, sim, os efeitos de sentido que são engendrados a partir das materialidades em questão.

A partir do conceito de discurso, definido na AD pêcheuxtiana como efeito de sentido entre (inter)locutores (PÊCHEUX, 2014[1969]), ressaltamos que os sujeitos e seus dizeres são frutos das condições de produção sobredeterminado pela historicidade. Seguindo este raciocínio, Orlandi (2005, p. 30) menciona que:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que são de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a *exterioridade*, suas *condições de produção* (ORLANDI, 2005, p. 30, grifos nossos).

Conforme destacamos na citação anterior, vemos que a exterioridade e as condições de produção são noções caras para a AD, ao pensar em processo de significação. Essa exterioridade que acionamos, ela é constitutiva, marca-se na materialidade discursiva. Por conseguinte, “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo” (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 146). Dessa forma, os sentidos não são imanentes, isto é, não são intrínsecos ao significante. Esses sentidos são construídos por sujeitos assujeitados, em que vemos em funcionamento o efeito do ideológico, dando à materialidade significante a ilusão imediata de literalidade.

Seguindo com os nossos apontamentos, podemos dizer que o processo de formação discursiva do sujeito, como falante, tem a ver com todo um contexto sócio-histórico, que delimita tudo aquilo que deve ou não ser dito. De acordo com Orlandi (2005, p. 43), “o discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro”.

O sujeito discursivo e sua materialidade linguística envolvem movimentos como a paráfrase e a polissemia que significam e dão significado aos sentidos que envolvem o sujeito por meio do interdiscurso, o que mantém o seu dizer. O sujeito discursivo, em face do interdiscurso, tem como formulação do seu dizer condições de produção de sentidos, que abrangem uma concepção ideológica e sócio-histórica em relação ao contexto em que ele está inserido. Para Orlandi (2005, p. 33):

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se

apague na memória para que, passando para o “anonimato” possa fazer sentido em “minhas” palavras.

Ressaltamos, ainda, que no que se refere ao sujeito em sua formação discursiva, interpelado simbolicamente e ideologicamente, está inserido na história em forma de uma memória discursiva, fazendo-o um sujeito do discurso. Orlandi (2005, p. 32) ressalta que “o sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele”. Tal interpelação é proveniente de instrumentos estatais e estruturais, com adeptos da sua ideologia.

Enfocamos que o que produz um funcionamento ideológico no âmbito do processo de interpelação do indivíduo como sujeito, parte da sua existência no e pelo modo como funciona a articulação do que ele diz e pensa, o que envolve e assume a sua origem. Para tanto, Orlandi (2005, p.34) fomenta que, “Ao falarmos nos filiamos a rede de sentidos mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao saber da ideologia e do inconsciente.”

No âmbito dessa perspectiva, podemos nos remeter às discursividades que são postas em circulação, que estão relacionadas às argumentações de cunho dialógico da língua. Ou seja, é a forma de desenvolvimento de interação social, e até mesmo institucional, em que a forma como as pessoas expõem suas ideias de forma dialógica, estaria adepto a ir mais além de uma simples conversa produzida, verbalmente, que apresenta traços de um diálogo com tentativas de convencimento. Para Orlandi (2003, p.118), “a língua é assim condição de possibilidades do discurso”. Partindo desse pressuposto, o discurso pode ser visto, então, como a individualidade e a subjetividade da língua, em que o sujeito como falante, deve escolher como e quando usar sua língua, adequando e proferindo-a de forma peculiar.

Ainda em termos de discurso, ressaltamos preceitos que envolvem o discurso de cunho narrativo. Enfatizamos que a narratividade pode ser compreendida como modalizadora da narrativa, conduzindo-a para uma interação de natureza histórico-social. Assim, as narrativas encontradas em textos têm um papel amplamente determinante, no que se refere à forma como será recepcionado pelo seu público alvo. É cabível dizer, ainda, que a narrativa pode ser vista como uma forma de representação e (re)construção universal, que se diferencia de acordo com o seu

contexto social e histórico, sendo, assim, compreendida como uma qualificação do discurso. Considerando o contexto sócio-histórico que significam a materialidade linguística, Orlandi (2005, p. 70), acerca da leitura-interpretação de textos, esclarece-nos que:

Para compreender – como se propõe a análise de discurso - o leitor deve-se relacionar com os diferentes processos de significação que acontecem em um texto. Esses processos, por sua vez, são função da sua historicidade. Compreender como um texto funciona, como ele produz sentidos, é compreendê-lo enquanto objeto linguístico-histórico, é explicitar como ele realiza a discursividade que o constitui.

Para Orlandi (2003), existe um processo de seleção, no que se refere às formas da língua, em que o falante vai moldando e limitando tudo aquilo que diz e, possivelmente, vai dizer. No entanto, não se tem uma apropriação da língua de forma individual: essa apropriação da língua deve ocorrer de forma aberta (sociável), para que o sujeito possa compreender a sua abordagem que foi feita a partir das suas ideias.

Com isso, a construção de sentidos é feita por meio do efeito do ideológico, considerado na AD, como mecanismo de produção de sentidos. O sujeito é interpelado por formações ideológicas que, por sua vez, são definidas de acordo com o contexto histórico-cultural e social em que estamos vivendo no momento em que produzimos uma enunciação ou elaboramos um texto. Com as palavras de Pêcheux (2014[1975], p. 149) as quais apresentamos, a seguir, caucionamos as assertivas acerca do processo de assujeitamento ideológico, a saber:

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeitos (e, especialmente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e, especialmente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistema de evidência e de significações percebidas – aceitas – experimentadas (PÊCHEUX, 2014[1975], p. 149).

Ao analisarmos o discurso, sabemos que não estamos lidando com uma simples análise textual, ou seja, a análise de discurso é feita, de acordo com a contextualidade discursiva com toda a sua estrutura.

### **1.1 Discursividades para o professor: contextualização**

No âmbito de uma perspectiva de se realizar uma aula com excelência, o(a) professor(a) tem a possibilidade de encontrar discursos, ou seja, materialidades

discursivas de forma pronta e acabada em vídeos que são disponibilizados, gratuitamente, em plataformas virtuais, que visam auxiliar o(a) professor(a) em suas metodologias e práticas de ensino. Com isso, ressaltamos que tais discursividades podem fazer com que o(a) professor(a) seja visto(a) como um(a) mero(a) consumista, que está na busca por materiais prontos e de fácil acesso, denominados de “prêt-à-porter”.

Tais materiais apresentam características de um discurso neoliberal, em que tudo é visto como mercadológico. É preciso que se compreenda os discursos constituídos e presentes no contexto virtual. Como menciona Desidério (2013, p.222), “para analisar de forma mais elaborada é necessário abandonar uma perspectiva técnica, e procurar compreender os processos de discursividades presentes nesses espaços virtuais”. Na perspectiva da AD, as discursividades consistem na materialização dos efeitos da ideologia no discurso, dado que “é na língua que a ideologia se materializa” (ORLANDI, 2005, p. 38). Vejamos as considerações de Orlandi (2005, p. 43) acerca deste dispositivo:

Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na *discursividade*, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a *linguagem e ideologia se articulam*, se afetam em relação recíproca (ORLANDI, 2005, p. 38, grifos nossos).

Voltando ao discurso neoliberal, quando falamos dele, remetemo-nos a um sistema capitalista em que a educação passa a ser vista como uma simples mercadoria. Para isso, o mundo virtual tem estabelecido novos métodos de interação e interlocução entre as pessoas, até mesmo no âmbito da educação. A virtualidade tem cada vez mais influências dentro da sociedade, afetando até mesmo o processo de construção de sentidos como, também, em métodos de interpelação do sujeito.

Em relação ao meio educacional, a internet tem oferecido ferramentas que disponibilizam discursividades prontas para o professor, ou seja, o professor tem a possibilidade de encontrar em vídeo aulas, como dar uma aula com excelência, o que pode acarretar em uma certa “preguiça” de buscar novos métodos de estudos e de pesquisa, no que se refere a novas práticas de ensino. No entanto, é importante que o professor analise os discursos constituídos, formulados e postos em

circulação em tais plataformas. De acordo com Augustini, Leite e Gouveia (2019, p.61):

O acesso a essas plataformas virtuais, a depender do uso e das finalidades, pode produzir o efeito de apagamento do lugar do professor. É que, em muitos casos, volta-se para essas plataformas, com o intuito de tentar reproduzir o plano no espaço de sala de aula. Essas plataformas que disponibilizam materiais prontos, sejam planos de aula, sejam aulas prontas, constroem o perfil de “professor consumidor”; aquele que não realiza um trabalho crítico acerca do material nas plataformas e deles se vale indiscriminadamente.

Para tanto, destacamos que vídeos encontrados em plataformas virtuais, e que trazem a alusão de que o professor pode dar uma “aula de excelência”, podem reproduzir uma narrativa exitosa, no tocante à construção das práticas educacionais do professor. Tais práticas envolvem as experiências e os conhecimentos, que são constituídos no decorrer da vivência com a sala de aula. Vale ressaltar que essas ferramentas virtuais podem ofuscar/apagar o lugar do professor. Augustini, Leite e Gouveia (2019, p. 84) salientam que “A oferta criada por certas discursividades capitalistas acabam criando a demanda. E, essa lógica, produz-se a fragmentação e a superficialidade da relação do professor com seu objeto de trabalho: o conhecimento.”

Podemos perceber, que em relação às práticas educacionais, relacionadas aos meios de comunicação e de produção tecnológicas, produzem-se sentidos que evidenciam uma “rede de memória” que historicizam aspectos sobre o professor e sobre a aula, considerando os processos discursivos encontrados nas práticas sociais e culturais da sociedade.

Destacamos, ainda, que tais práticas precisam ser repensadas e reavaliadas, de acordo com as funcionalidades e as estratégias de ensino e de aprendizagem, que circunscrevem o papel do professor na sociedade. É preciso que haja um aprofundamento sobre quais as vantagens e as desvantagens de discursividades encontradas em plataformas virtuais, no que se refere aos métodos didático-pedagógico, de professores que têm acesso a essas plataformas, e, assim, poder usar fundamentos e argumentos pertinentes, no que se refere ao uso dessas novas tecnologias no âmbito educacional.

## 2 CAPÍTULO METODOLÓGICO

No presente capítulo, abordamos o percurso metodológico que nos possibilitou problematizar e analisar os cinco vídeos selecionados e mobilizados da plataforma digital “Novo Professor”. É importante enfatizar que este trabalho tem caráter científico, e que, por esse motivo, é importante fundamentar o método utilizado para toda a trajetória desta pesquisa.

Destacamos que, como analistas filiados à AD pêcheuxtiana, pretendemos tocar o funcionamento discursivo do nosso *corpus*, cuja descrição e constituição se encontram no item 2.3 deste trabalho. Nesta pesquisa, problematizamos e analisamos a forma como são significados(as) a aula e o(a) professor(a) em relação às discursividades inscritas nos vídeos da plataforma citada. Dessa forma, perguntamo-nos: quais sentidos são engendrados a partir das discursividades inscritas em nosso *corpus*? Como essas aulas e o(a) professor(a) são significados(as)?

Esta pesquisa tem como diretriz o método histórico, pois é fundamental que o pesquisador organize todo o processo de historicização frente ao seu material metodológico, seguindo os procedimentos descritivos, como, também o de interpretação, dando ênfase à parte dos materiais que serão analisados. Segundo Orlandi (2005, p. 27):

Cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, face as suas (outras) questões. Uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais.

Em relação ao método histórico, cabe destacar que a descrição e a interpretação do *corpus* recortado do material de análise, que, no caso, são os vídeos provenientes da plataforma virtual *Youtube*, não se estabelecem *a priori*. Trata-se, antes de tudo, de uma construção do analista de discurso frente ao objeto discursivo que ele, também, constrói. No caso em tela, o objeto refere-se aos processos discursivos que significam o(a) professor(a) e aula, nos vídeos selecionados, de maneira idealizada e passível de ser alcançada.

## 2.1 Caracterização da plataforma virtual “Novo Professor”

Neste tópico, descrevemos o canal “Novo Professor”, cujo objetivo é auxiliar o(a) professor(a) em como dar uma aula de excelência, dentre outras orientações ao(à) professor(a) que podemos encontrar no referido espaço virtual. O canal “Novo Professor” encontra-se na plataforma virtual *Youtube*, sendo composto por um total de 66 (sessenta e seis) vídeos e 11.490 (onze mil, quatrocentos e noventa) inscritos. Podemos observar a presença de 07 (sete) professores que atuam na exposição das aulas, sendo que estes profissionais são formados em diferentes áreas. Ademais, informamos que constam, no canal, 405.115 (quatrocentos e cinco mil, cento e quinze) visualizações e esclarecemos, também, que estas cifras correspondem aos registros presentes até o momento de nosso estudo em que acessamos o *site* para a coleta dos dados. No *site*, os vídeos são separados, segundo seus conteúdos, em 05 (cinco) seções ou categorias, são elas: “dicas de aprendizado”, “cuidados com a voz”, “o que você faria”, “dicas para preparar aulas melhores” e “bate-papos ao vivo”.

Na página inicial da plataforma, no *site* do *Youtube*, podemos identificá-la com alguns elementos, os quais apresentamos a seguir. Vemos que é composta pelas imagens dos professores que apresentam os vídeos que compõem o canal; observamos a quantidade de usuários inscritos no canal, um quadro de opções com informações que o canal tem (“início”, “vídeos”, “playlists”, “comunidade”, “canais” e “sobre”), um vídeo de apresentação do canal e um *slogan* com o nome do canal e um subtítulo intitulado “Unidos pelo futuro da educação”. Alguns dos elementos que citamos podem ser corroborados com a imagem a seguir (Figura 1):

Figura 1: Página inicial do canal “Novo Professor”



Fonte: <https://www.youtube.com/channel>

No tocante à separação dos vídeos em 05 (cinco) seções ou categorias, conforme citamos previamente neste tópico do trabalho, descrevemos, agora, sucintamente, a característica de cada seguimento. Na seção “dicas de aprendizado”, os professores dão dicas de metodologias de estudo e o que deve ser feito para que o aluno se sinta incentivado “a melhorar seu desempenho na hora de estudar”. Na segunda seção, “cuidado com a voz”, encontramos dicas de como cuidar da voz em todo o processo de sala de aula e usá-la como instrumento principal na prática discursiva docente. Na seção “o que você faria”, são propostas perguntas sobre algum “dilema” em relação à sala de aula, os vídeos oriundos dessa seção são divulgados somente em um dia da semana, todas as terças-feiras. Em “dicas para preparar aulas melhores”, são dadas dicas e orientações, para que o professor possa preparar aulas melhores e com excelência.

## 2.2 Processo descritivo dos vídeos em foco (recortes de análise)

Neste item, pormenorizamos o nosso material de análise, os vídeos que os concebemos como objetos simbólicos, e que são o cerne do que problematizamos neste trabalho. Dessa forma, para que fosse possível atingir os fins a que nos propomos nesta pesquisa, foram escolhidos para análise 05 (cinco) vídeos do referido canal “Novo Professor”, que está inserido na seção “dicas para preparar aulas melhores”. Cabe mencionar que os vídeos dessa seção iniciam como o *slogan* do canal com imagens de alguns dos professores que apresentam o canal.

Observamos que, no plano de fundo dos vídeos, é de cor verde apenas, de acordo com a imagem (Figura 2) que apresentamos a seguir:

Figura 2: Tela inicial dos vídeos da seção “Dicas para preparar aulas melhores”



Fonte: <https://www.youtube.com/playlist?list>

O primeiro vídeo que enfocaremos é intitulado “Preparando a aula”, tendo 3 (três) minutos e 59 (cinquenta e nove) segundos de tempo de duração, que foi postado no dia 02 de setembro de 2015. Conforme consta da plataforma, tal vídeo teve 78.209 mil (setenta e oito mil, duzentas e nove) visualizações, embora nesse total possa haver alterações. O vídeo em questão é apresentado por dois professores, são estes: Leonardo Gomes e Eduardo Valladares. O cenário de apresentação do vídeo em questão é composto por um quadro de cor verde, em que está inscrito o título do vídeo, que já foi citado anteriormente. É importante ressaltar

que o cenário, mencionado anteriormente, é o mesmo em todos os vídeos da seção em questão.

Destacamos que os professores que apresentam o vídeo em questão dão dicas da preparação de aulas de excelência. No vídeo, os professores mencionam que, para que haja uma aula de excelência, é preciso que saibamos elaborar uma aula seguindo indicações e uma ordem de tópicos; explicar aos alunos sobre os itens ou o tema que será trabalhado com “pelo menos dois exemplos”; contextualizar a explicação da aula; reproduzir aspectos interdisciplinares; saber escolher exercícios de melhor compreensão dos alunos, para que, assim, haja um melhor aprendizado e um dos fatores importantes no planejamento das aulas é o quadro e o tempo de duração daquela aula que será ministrada.

Ao final do vídeo, os professores enfatizam a importância do seguimento de todos esses quesitos que foram apresentados, para que, assim, seja possível conseguir alcançar os resultados desejados, e, desse modo, realizar aulas de excelência.

No segundo vídeo intitulado “Como lidar com os alunos em sala de aula”, a apresentação das dicas é feita somente pelo professor Leonardo Gomes, que foi citado na descrição do vídeo anterior. O vídeo em questão tem 26.809 (vinte e seis mil, oitocentas e nove) visualizações (podendo haver alterações) e foi postado no dia 26 de novembro de 2015, como consta das informações dadas pelo canal.

Nesse vídeo, o professor citado traz mais uma dica de como conseguir deixar os alunos conectados com o conteúdo que está sendo apresentado e ensinado a eles, como, também, é destacado pelo professor Leonardo Gomes, que, para que isso aconteça, é fundamental que o(a) professor(a) esteja sempre atento às possíveis movimentações corporais de seus alunos. Além do mais, que o(a) professor(a) não interrompa a enunciação falada, para que ele não perca a atenção dos demais alunos que estão interessados. É preciso, também, que o(a) professor(a) invada (no bom sentido da palavra) “o raio de ação dos alunos” para assim o(a) professor(a) consiga “retirá-los da situação de completo conforto”. É importante, também manter, “o contato visual” com aqueles alunos que se desconcentram com mais frequência/facilidade. Outra dica citada no vídeo é que o(a) professor(a) deve fazer movimentos gestuais, para que ele(a) possa comandar as ações. Para finalizar, o(a) professor(a) pode mudar “os alunos de lugar” no intuito de melhorar/alterar “a perspectiva visual deles”.

O terceiro vídeo, cujo título é “A voz como um diferencial para o professor”, possui tempo de duração de 4 (quatro) minutos e 41 (quarenta e um) segundos; tem um total de 16.962 (dezesesseis mil, novecentos e sessenta e dois) visualizações (que podem sofrer alterações) e foi postado no dia 03 de fevereiro de 2016, é apresentado pelos professores Leonardo Gomes e Cláudio Hansen. Tais professores trazem, nesse vídeo, dicas de como a voz pode ser uma importante aliada na hora de tentar fazer com que os alunos se mantenham concentrados nas aulas. E, para que isso aconteça, os professores no vídeo mencionam que é importante que o(a) professor(a) oscile a voz; preocupe-se com o tom da sua voz; mantenha a enunciação falada de uma maneira que o(a) aluno(a) se sinta como se estivesse em uma conversa; perceber o volume da voz, também, é citado pelos professores como um ponto importante na dinâmica da voz em sala de aula.

No quarto vídeo transcrito para análise, as dicas apresentadas são em relação aos “Objetivos de aprendizagem”, que é o título do vídeo. O vídeo em questão tem 03 (três) minutos e 13 (treze) segundos, tendo um total de 9.958 (nove mil, novecentas e cinquenta e oito) mil visualizações (podendo haver alterações), lembrando que a data de postagem do vídeo é de 02 de setembro de 2015. A apresentação do vídeo é feita pelos professores Leonardo Gomes e Eduardo Valladares. Os professores mobilizam, no vídeo dicas sobre a “importância dos objetivos de aprendizagem na montagem de um planejamento para o desenvolvimento dos alunos”. No vídeo são discutidos, ainda, sobre “quais as metas a serem alcançadas”, no que se refere ao ensino e a aprendizagem dos alunos. Eles citam, também, “as metas anuais, bimestrais, mensais e por aula” e, por último, os professores falam sobre a “Taxonomia de Bloom sobre os objetivos de aprendizagem: aspectos cognitivos, atitudinais e psicomotor do ensino”.

O quinto e último vídeo escolhido para análise e transcrição é intitulado “Como tornar a aula mais dinâmica: geração de atividades”, com tempo de duração de 02 (dois) minutos e 24 (vinte e quatro) segundos e 11.759 (onze mil, setecentos e cinquenta e nove) mil visualizações (podendo haver alterações). Cabe mencionar que esse vídeo foi postado no dia 03 de novembro de 2015. O vídeo em questão é apresentado, somente, pelo professor Leonardo Gomes, que expõe mais uma forma de conseguir conter a atenção de toda a turma. Ele mostra, também, como “as atividades podem ser usadas” no intuito de: “mostrar a aplicabilidade do conteúdo” que está sendo aplicado; ensinar como aquele tema que está sendo discutido

poderá ser usado “na prova, testes ou vestibulares”; “mostrar que os alunos estão se aproximando do aprendizado”; conseguir recuperar o aluno que perdeu a “conexão com a aula” e, para finalizar, o professor Leonardo Gomes menciona como “quebrar o estado da aula”. Em seguida, apresentamos um quadro (Quadro 1), com alguns dos dados que mencionamos sobre os vídeos no decorrer deste tópico.

Quadro 1: Informações dos cinco vídeos descritos neste capítulo:

Vídeos	Data de postagem	Total de visualizações (pode haver alterações)	Curtidas/likes (pode haver alterações)
Vídeo 1 – Preparando a aula.	02/09/2015	78.209 mil	2.400 mil
Vídeo 2 – Como lidar com os alunos em sala de aula.	26/11/2015	26.809 mil	952
Vídeo 3 – A voz como um diferencial para o professor.	03/02/2016	16.962 mil	706
Vídeo 4 – Objetivos de aprendizagem.	02/09/2015	9.958 mil	244
Vídeo 5 – Como tornar a aula mais dinâmica: geração de atividades.	03/11/2015	11.759 mil	374

Fonte: autoria própria

### 2.3 Procedimentos de constituição do *corpus*:

Conforme vimos mencionando, o nosso material de análise corresponde aos vídeos oriundos do canal “Novo Professor”. Logo, para o desenvolvimento deste trabalho, recortamos alguns vídeos que fossem significativos para a nossa investigação. Nesse sentido, nosso recorte compreende a 05 (cinco) vídeos, os quais elegemos para que fossem alvo de nossas considerações analíticas.

Os vídeos eleitos para constituir o *corpus* encontram-se na seção “dicas para preparar aulas melhores”. A partir da perspectiva teórica a que nos filiamos, consideramos que os vídeos desta categoria possuem temáticas que produzem para a discursividade da aula de excelência. Nesse sentido, da totalidade de 23 (vinte e três) vídeos que há nessa categoria até o presente momento, escolhemos 05 (cinco) para compor nosso *corpus*, como já ressaltamos neste trabalho. Em seguida, realizamos a transcrição das enunciações faladas presentes nos vídeos selecionados e as apresentamos em recortes discursivos (RD).

Assim, de posse de nossos recortes discursivos (RD), pretendemos problematizar e analisar a forma como são significados(as) a aula e o(a) professor(a) em relação às discursividades inscritas nos vídeos em foco. Dessa forma,

retomamos as nossas questões de investigação: quais sentidos são engendrados a partir das discursividades inscritas em nosso *corpus*? Como essas aulas e o(a) professor(a) são significados(as), a partir de nossos RD dos vídeos provenientes da seção “dicas para preparar aulas melhores”?

No próximo tópico, apresentamos o procedimento de análise que adotamos para o nosso *corpus*, a partir dos dispositivos teórico-metodológicos da AD pecheutiana.

## **2.4 Procedimentos de análise**

Nesta seção do trabalho, apresentamos os dispositivos analíticos da AD pecheutiana para compreender o funcionamento discursivo em operação nos RD que integram o nosso *corpus*.

Conforme apresentamos no item precedente, o *corpus* constituiu-se por meio da transcrição das enunciações faladas as quais são oriundas dos 05 (cinco) vídeos selecionados da seção “dicas para preparar aulas melhores”. As análises presentes, neste trabalho, pautaram-se pelo método histórico, ou seja, com base na materialidade linguística recortada dos vídeos, consideramos a exterioridade, à historicidade constitutiva. Procedemos com o seguinte movimento: (1) descrição da materialidade linguística e (2) interpretação dessa materialidade, abrindo espaços de interpretação, jogando com os efeitos de sentido que ela pode produzir.

Por estarmos filiados à Análise de Discurso francesa, a materialidade linguística é tomada como materialidade histórica. É que, nessa materialidade, a história inscreve-se na língua, produzindo discursividades. Interessa-nos, como vimos destacando neste trabalho, o modo como o(a) professor(a) e a aula são significados(as) nos vídeos selecionados, a partir de nossos RD. E a significação destes se marca na materialidade linguístico-histórica, mostrando certas discursividades de circulação social.

O procedimento de análise do *corpus* que empreendemos refere-se ao que demonstramos a seguir: realizamos a descrição das nomeações, das adjetivações e das adverbializações que ocorrem na materialidade, partindo do princípio de que as suas ocorrências não são à toa, ou seja, a bel-prazer. Elas ganham uma motivação na e pela história, pois o(a) professor(a) e a aula são significados em uma historicidade.

Após a descrição, interpretamos as ocorrências, a partir dos diferentes efeitos de sentido que elas podem produzir. Para tanto, trabalhamos com aspectos do interdiscurso e acionamos traços que constituem a memória discursiva, considerando os diferentes sentidos. Todo efeito de sentido deve ser pensado a partir do modo como as palavras e/ou os enunciados produzem referência na materialidade histórica.

### **3 CAPÍTULO ANÁLITICO**

Este capítulo tem como foco principal as descrições e as interpretações que construímos por meio das transcrições dos vídeos que enfocamos nesta pesquisa. Como destacamos anteriormente, o processo de descrição e de interpretação parte de uma construção de sentidos interpelados de maneira discursiva, dando significados ao professor e à aula.

Antes de partirmos à análise dos 12 (doze) recortes discursivos (RD1 a RD12) que apresentamos neste capítulo, consideramos que o próprio enunciado que intitula a seção dos vídeos, a saber: “dicas para preparar aulas melhores”, merece uma análise discursiva. A ocorrência da palavra “dicas” produz o efeito de sentido de que as considerações que são produzidas, nos vídeos, seriam, supostamente, mais fáceis de compreensão por parte do(a) espectador(a) dos vídeos. A palavra “dicas” parece tirar do campo da complexidade da temática tratada nos vídeos. Talvez, se ocorresse o vocábulo “Fundamentos”, no lugar da referida palavra, o efeito fosse diferente. Como se trata de vídeos em circulação na internet, filiados a discursividades prontas para usar e para consumir, a palavra “dicas” busca criar esse efeito de identificação (de proximidade) com o espectador.

Ainda de posse desse enunciado, precisamente da expressão “aulas melhores”, a discursividade “prêt-à-porter” continua significando a aula. A afirmação de “aulas melhores” produz o pressuposto de existência de “aulas piores”. O que seriam essas aulas piores? E as aulas melhores? Como se trata de um canal da plataforma virtual “Novo Professor”, essa discursividade, encontrando vias de se materializar por meio da relação de adjetivação “aulas melhores”, produz a perspectiva de quem é o responsável por essas aulas é o professor. Do modo como a discursividade ganha circunscrição de sentido, ao professor, é imputado o papel de criar condições para que as aulas sejam melhores. A questão que se (im)põe a nós é a seguinte: o que faz pensar com que as aulas figuram como melhores na concepção dos autores dos vídeos? As análises discursivas que se seguem buscam dimensionar possíveis sentidos para essa pergunta.

A seguir, descrevemos o RD1. Após este mo(vi)mento, discorremos as nossas interpretações, os efeitos de sentido engendrados a partir da materialidade histórica.

#### RD1

Eduardo: oLÁ pessoal ... tudo bem ... estamos de volta pra mais **uma dica...** sabemos muito bem ... que ... **a elaboração de uma aula nem sempre é visto com tanta facilidade pelos professores** ... temos a convicÇÃO tamBÉM de que ... **uma preparação de excelência vai levar a uma aula de excelência** .... (num) é isso Leonardo? (...)

Leonardo: é na verdade a gente tamBÉM tem grande(s) dificuldade(s) da preparação da aula ... mas ao longo do tempo a gente desenvolveu **algumas Técnicas pra facilitar essa preparação da aula...** e é isso que a gente veio aqui dividir com vocês (...) primeira coisa que a gente faz ... **é a indicação** de TOdos os TÓpicos que a gente quer abordar naquela aula ... com o intuito de impaCTAR diretamente os objetivos de aprendizagem que a gente falou no vídeo anterior ... enTÃO ... a indicação dos TÓpicos ela é muito importante ... depois disso a gente **faz a ORdenação** dos TÓpicos que a gente quer seguir ... na verdade ... a ordenação certinha ... vai fazer com que **haja uma historinha** ... a aula tem uma coesão ... a aula tem um segmento para que o aluno não quebre o racioCínio dele ... depois disso ... a gente pensa em algumas maneiras de explicar cada item ... eu indico aTÉ pra não perder tanto tempo no primeiro momento ... pelo menos duas ... se você tiver pelo menos duas ... você vai ser capaz de escolher a melhor maneira de explicar na aula ... e alÉM disso vai ter na manga ou em mãos ... a segunda maneira ... caso haja DÚvida ... outra coisa que a gente pode seguir ... **é a contextualização** ... contextualizar é muito importante ... mostrar a aplicabilidade daquilo que você ta falando para o seu aluno ... faz com que ele tenha uma grande associação do conTEÚdo ... facilitando (o) aprendizado ... essa contextualização ... pode ser com a natureza ... pode ser c(u)m algum esporte ... c(u)m alguma novela ... c(u)m algum livro ... alguma coisa que esteja impaCTando diretamente na vida do aluno...

(Vídeo 1 – Preparando a aula. Grifos nossos.)

A partir de RD1, notamos que o locutor Eduardo inicia sua enunciação cumprimentando o público, que, nesse momento, é denominado pelo vocativo “pessoal”. Esse vocativo produz o efeito de uma projeção de interlocutor que expressa uma certa proximidade do locutor com o seu interlocutor (público). É diferente se ocorressem construções como: “Olá, ouvintes”, “Olá professores”, etc. A ocorrência do referido vocativo expressa, também, um efeito de informalidade do registro linguístico usado pelo locutor Eduardo. De nossa perspectiva teórica, esse efeito busca criar uma identificação do interlocutor (público que seria os professores), com o objeto fruto de interlocução.

Após o enunciado discutido anteriormente, Eduardo menciona que está de volta “para mais uma dica”. A partir desse enunciado, percebemos que o locutor traz em sua enunciação, uma alusão de que a informação que vai ser repassada é bastante proveitosa e é feita de maneira menos complexa, ou seja, em um período de tempo mais curto. No âmbito dessa interlocução, Eduardo expressa uma maneira de fazer com que o seu público alvo, no caso, os professores, interessem-se em assistir ao vídeo no intuito de saber mais sobre essa informação que será repassada de maneira mais fácil, o que não tomaria tanto tempo de quem está assistindo.

Em um terceiro momento de interlocução de Eduardo, ele pondera que “a elaboração de uma aula nem sempre é visto com tanta facilidade pelos professores”. O que evidencia uma discursividade de que os professores, muitas vezes, veem o processo de elaboração/planejamento de uma aula como um desafio. Para tanto, Eduardo continua dizendo que para se ter uma aula “de excelência” é preciso uma “preparação de excelência”. O enunciado pressupõe que é preciso que os professores elaborem uma aula perfeita, o que desconsidera o fato de que nem toda aula acontece como planejamos, não levando em consideração as contingências que são próprias no âmbito de uma sala de aula.

Sabemos que, em um processo de construção de sentidos, o professor não tem total domínio de tudo que pode acontecer em uma aula, ou seja, o acontecimento da aula em si e a sua subjetivação. Eduardo questiona sobre o enunciado, para o segundo locutor Leonardo, que apresenta, em sua enunciação, quando diz que, “a gente desenvolveu algumas TÉCNICAS pra facilitar essa preparação da aula”, um discurso de que para facilitar o planejamento de uma aula, o professor pode seguir novas formas, ou como ressalta Leonardo, “Técnicas”. Nesse enunciado, o locutor tem a intenção de aludir o interlocutor, informando que

tais técnicas seriam eficazes para uma aula de excelência, o que não condiz com a realidade.

Leonardo, no decorrer de seu discurso de preparação de uma aula de excelência, ensina como deve ser o seguimento dessas técnicas de preparação da aula, quando ele menciona que “a primeira coisa que a gente faz ... é a **indicação** de todos os TÓpicos que a gente quer abordar naquela aula”. A palavra “indicação” traz uma alusão de que os professores/público deve estabelecer todos os pontos ou objetivos que ele vai discutir em determinada aula, ou seja, uma forma de designar os pontos importantes daquela aula. Contudo, Leonardo condiciona que “a ordenação certinha ... vai fazer com que haja uma historinha”, dando um tom diminutivo a seu enunciado, no intuito de envolver o seu público, no caso, os professores.

Leonardo continua o seu discurso de uma aula perfeita, dando ao público alvo, “a segunda maneira”; como menciona ele, dentre as técnicas para uma aula, segundo ele, de “excelência”, que é “a contextualização”. Nessa interlocução de Leonardo, ele traz um sentido de que com a contextualização, que para ele “contextualizar é muito importante”, o professor conseguirá envolver o seu(s) aluno(s), e, assim, terá uma aula perfeita, sem interrupções. O que nos chama a atenção no enunciado de Leonardo é que, em nenhum momento, ele menciona a contingência de uma aula; para ele, se seguidas essas técnicas forem, os professores conseguirão dar uma aula sem nenhum tipo de interrupção, o que, por consequência, chama muito atenção do público/professores.

Vejamos, agora, o segundo recorte discursivo de nosso trabalho de análise:

RD2:

Leonardo: aLÉM disso Eduardo ... existem mais alguns passos que a gente pode DÁ ...

Eduardo: com certeza Leonardo ... na hora de você preparar a aula ... (é) fundamental que você tambÉM tenha em mente a elaboraÇÃO do exerCÍCIO ... sim ... o exerCÍCIO ... ele tem uma funÇÃO dentro de uma aula MULto importante ... por muitas vezes ... revisar um TÓPico que foi aplicado NAquela aula ... por muitas vezes ... aprofundar um conceito ... pra que o aluno consiga fazer CORRelações c(u)m aquele TÓPico que foi passado ... não só revisar ... não só aprofundar ... mais tambÉM dar pra ele muito mais então ... embasamento daquilo que tá sendo passado como maTÉria ... **outra parte muito importante professor** ... é que você saiba fazer a previsão do seu quadro de aula ... **lembra daquele Vídeo anterior?** ... em que nó(i)s falamos inclusive sobre a *diferença*ção de cores frias e cores quentes ... na hora de se elaborar o quadro ... fazer aquela previsão em dobradura de oito partes ... essa uma estraTÉgia fundamental pra que a gente tenha bem preparado o nosso quadro ... pra gente apresentar a nossa

aula pros alunos ... e por fim ... **a dica muito importante** ... é que você professor ... teste a sua aula ... por muitas vezes ... planejamos que uma aula vai acontecer de forma MUIto boa ... no entanto ... faltou (a) executar aquela aula ... fale para si mesmo ... fale em voz alta ... execute essa aula olhando-se para o espelho ... e tenta sobre tudo calcular o tempo de duração dessa aula ... com certeza ... **seguindo essas dicas ... vamos conseguir atingir resultados de aulas de excelÊNCIA** ...

Leonardo: **aTÉ a PRÓxima dica** ... até o próximo Vídeo ... um grande abraço.

(Vídeo 1 – Preparando a aula. Grifos nossos.)

O RD2 inicia com Leonardo fazendo o seu movimento de interlocução, enunciando que ainda tem mais maneiras de o professor conseguir planejar uma aula de maneira eficaz, ele menciona que “existem mais alguns passos”. Soa-nos a ideia de que possuem ‘o grande segredo’ das aulas de excelência, contudo está oculto e ninguém o sabe, mas, por meio das dicas, apresentam-nos aos poucos o caminho para alcançar o almejado segredo das aulas de excelência. Eduardo menciona que “(é) fundamental que você tambEM tenha em mente a elaboração do exerCÍCIO”. Com esse enunciado, Eduardo salienta que o(a) professor(a) deve saber qual exercício irá trabalhar com seus alunos, pois, para Eduardo, o exercício é imprescindível em uma aula. Para tanto, para explicar essa questão, ele enuncia que “o exerCÍCIO ... ele tem uma funÇÃO dentro de uma aula MUIto importante”. Com isso, Leonardo deixa a entender que, com o exercício, o aluno sairá da aula sabendo sobre todo o conteúdo que foi passado. Caso não o(a) professor(a) não consiga passar um exercício em sua aula, entende-se, então, que esta não foi de excelência?

Em um segundo momento de interlocução, notamos que Eduardo, em sua enunciação falada, dá sentido de que está tendo um certo diálogo com o seu público; ele enuncia que “outra parte muito importante professor”. Como analistas do discurso, percebemos que a intenção do locutor é de interação com o seu público. Para tanto, Eduardo, ainda, enuncia “lembra daquele Vídeo anterior?”, notamos que esse enunciado é feito em forma de questionamento ao público/professores, o que evidencia um certo envolvimento com o público/professores.

Seguindo com os nossos apontamentos, chama-nos a atenção este trecho, a saber: “a dica muito importante... é que você professor... teste a sua aula... por muitas vezes... planejamos que uma aula vai acontecer de forma MUIto boa ... no entanto ... faltou (a) executar aquela aula ... fale para si mesmo ... fale em voz alta ... execute essa aula olhando-se para o espelho ... e tenta sobre tudo calcular o tempo de duração dessa aula”.

Neste excerto, encontramos mais uma dica, contudo “muito” importante: o teste da aula. Esses vídeos são destinados para professores(as) recém-formados(as), talvez inexperientes, ou destinados aos(às) que possuem anos de docência? Dispõem estes(as) professores(as) de tempo para testarem suas aulas, “olhando-se para o espelho”? Estarão propondo o ensaio de uma performance dentro de um tempo calculado? Dependerá somente o fato de ter ensaiado essa performance (aula) “olhando-se para o espelho” para que o êxito seja garantido? Esse sucesso depende somente do(a) professor(a)? Se trata-se de um ensaio (teste), controlando o tempo, vemos que descarta-se a interação do público, no caso os(as) estudantes.

Para finalizar o vídeo, Eduardo enfatiza que “seguindo essas dicas ... vamos conseguir atingir resultados de aulas de exceLÊNcia”. Notamos que ele usa, novamente, a palavra “dica” para dar mais alusão à sua enunciação falada, e usa a frase “aulas de exceLÊNcia”, deixando a entender que uma aula pode ser perfeita, se as dicas forem corretamente seguidas, o que desconsidera o fato de que uma aula pode ser contingente. Ao final do vídeo, o segundo locutor (Leonardo), despede-se do público, deixando entendido que haverá um próximo vídeo com mais dicas.

Partiremos agora, para a análise do RD3:

RD3:

oLÁ professores ... tudo bem? ... hoje eu vim falar com vocês aqui **um pouquinho** mais sobre o TÓpico (Leonardo vira para o quadro de cor verde, em que está escrito o título do vídeo) **como lidar com os alunos em sala de aula** ... na verdade ... a gente **já teve um Vídeo sobre regras e procedimentos** ... onde a gente falou um pouquinho sobre ... o que fazer ... NÉ? ... pra tentar se ... **ter consistÊNcia com a parte educativa com os alunos** ... hoje eu vou falar um pouquinho com você(i)s ... continuando um pouco esse assunto ... do seguinte ... é muito importante que aLÉM da consistÊNcia que a gente tenha que ter com as nossas condutas ... a gente consiga perceber ali da frente ... os alunos que ... podem dar problemas educacionais ... podem conversar mais do que devem ... podem tentar dormir ou endibriar alguma parte da aula ... enTÃO ... por exemplo ... depois da experiÊNcia ... muitos professores já sabem o olhar NÉ? ... e aquele aluno é muito agitado ... aquele aluno vai me dar problema ... ((som com a boca)) e aquele aluno cara ... ((bateu com as mãos)) não sabe a base da maTÉria ... ele tem muita dificuldade ... e essa experiÊNcia pode nos ajudar a contornar algumas situações ... por exemplo ... **é muito comum** ... quando uma aula é muito longa ... que os alunos acabem ... se acomodando nas carteiras NÉ? E aí ... (en) encostam mais do que devem ... e aí o olhar fica um pouco mais preguiçoso ... e enTÃO ... **o professor tem que reagir** ... uma coisa que é muito comum que a gente ver acontecer ... **é o professor acabar chamando atenÇÃO do aluno ... o que não pode acontecer** ... é o professor interromper o seu discurso ... **a aula tem que ter**

**um fluxo natural ... aquele aluno não pode atrapalhar os demais ao longo de uma explicação.**

(Vídeo 2 - Como lidar com os alunos em sala de aula. Grifos nosso)

O RD3 inicia-se com o locutor Leonardo cumprimentando o público, que dessa vez, é denominado pelo substantivo “professores”. Notamos que, com esse enunciado, o locutor expressa um certo envolvimento com o seu público alvo. O substantivo usado, no enunciado, apresenta, também, um efeito de formalidade em concordância com o registro linguístico, que foi usado pelo locutor Leonardo. Em face de nossa perspectiva teórica, tal efeito deixa claro a intenção do locutor de que o interlocutor sinta vontade de entender melhor sobre o objeto fruto de interlocução.

Leonardo dá continuidade à sua enunciação falada, usando o advérbio de quantidade “pouquinho” para deixar o sentido para o público de que aquela enunciação será breve, o que pode chamar mais atenção do público, no caso os(as) professores(as). Leonardo continua sua interlocução, argumentando que irá apresentar para o público uma maneira de lidar com os alunos, enfatizando que, em um vídeo anterior, já foi falado sobre “regras e procedimentos”.

Perguntamo-nos: qual(is) sentido(s) os locutores engendram com a materialidade “lidar com os alunos em sala de aula”? Seria lidar com alunos(as) com déficit de aprendizagem? Alunos(as) com indisciplina na sala de aula? Referem-se àqueles(as) que chegam atrasados? Remetem aos(às) estudantes que colam nas provas? etc. Não há uma definição precisa. Dessa forma, pressupomos que seria lidar com qualquer discente. A temática “lidar com os alunos” é bastante sedutora, uma vez que acreditamos que seja de interesse de todo(a) professor(a), principalmente em saber lidar com os(as) alunos que obstaculizam a aula. Qual professor não almeja seguir “regras e procedimentos” para poder, de maneira simples e prática, “lidar com os alunos”? Inicialmente, conjecturamos que o(a) interlocutor(a) é tomado(a) de uma expectativa, dado que se espera a apresentação de dicas, ou seja, mecanismos elementares para poder lidar com os(as) estudantes na sala de aula. Contudo, percebemos, apenas, o tangenciamento dessa temática. Não encontramos “regras e procedimentos” a serem seguidos. Verificamos que as “regras e procedimentos” ficaram circunscritos à alusão da experiência docente em observar a aula e os(as) alunos(as). E o(a) professor(a) que não têm experiência? Estará fadado(a) a não saber “lidar com os alunos”?

Observemos o seguinte trecho que trata do tema “lidar com alunos”, a saber: “(...) o professor tem que reagir ... uma coisa que é muito comum que a gente ver acontecer ... é o professor acabar chamando atenção do aluno ... o que não pode acontecer ... é o professor interromper o seu discurso ... a aula tem que ter um fluxo natural ... aquele aluno não pode atrapalhar os demais ao longo de uma explicação”. Notamos que há uma incongruência, porque as “regras e procedimentos” para “lidar com os alunos” resume-se em não lidar com eles(as), mas, sim, em observá-los(as) e, em seguida, excluí-los(as). Constatamos que há uma intervenção de apagamento do(a) discente que estorva a aula, nada mais. Neste sentido, “lidar com os alunos em sala de aula” consiste em o(a) professor(a) não cessar sua explicação, dado que “o que não pode acontecer ... é o professor interromper o seu discurso... a aula tem que ter um fluxo natural”. O(A) professor(a) não deve interromper sua enunciação falada para lidar com o(a) estudante inconveniente, porque “aquele aluno não pode atrapalhar os demais ao longo de uma explicação”.

Além do mais, observamos que, ao longo da materialidade discursiva, houve a adjetivação de alguns(mas) alunos(as), a saber: “e aquele aluno é muito agitado”, “aquele aluno (...) não sabe a base da matéria”, “se acomodando nas carteiras”. No entanto, a maneira de lidar com estes(as) alunos(as) que foram adjetivados(as) ficou, também, em torno da observação. Da mesma forma, não se apresentou “regras e procedimentos” para lidar com eles(as). Uma pergunta nos instiga: de que vale a experiência do(a) professor(a)? Apenas em não parar a aula?

No enunciado “regras e procedimentos”, a palavra “regras”, usada pelo locutor, dá um sentido de que a aula deve ter regras a serem seguidas, e que, quando se fala em “procedimentos”, entendemos, também, que a aula deve ter uma maneira de como o(a) professor(a) deve conduzir a sua aula. Leonardo destaca que, no vídeo anterior, foi falado sobre o que professor deve fazer para ter “consistÊNCIA” no aprendizado dos alunos, o que dá um tom de que a aula tem que ter coerência e qualidade, garantindo uma melhor forma educacional de se trabalhar com os alunos. Consideramos, a seguir, o RD4:

RD4:

... enTÃO ... é ser um pouco do **maestro** ali NÉ? ... como a gente faz isso? ... será que é melhor eu - - oh querido levanta ... senta direito - - ai você interrompe o discurso ... de repente não ... a melhor maneira que a gente encontra pra fazer isso é ... o aluno que ta acomodado que tá displicente ... a gente caminha ao longo da sala ... e se aproxima dele ... **toda pessoa**

**tem o seu raio de ação de proteção natural NÉ?** ... como se fosse um círculo em volta da gente ... onde se alguém invadir aquele espaço ... a gente se sente um pouco mais ... desconfortável ... então ... o aluno ele cria em volta dele ... como se fosse um círculo de proteção ... e se você sentir que ele tá encostando ... e tá mais debruçado ... e não tá prestando atenção direito ... não precisa chamar atenção dele ... só anda em sua direção ... se aproxima dele ... e aí você começa a reparar ... se ele não se ajeitar da mais um passo à frente ... vai se aproximando aos poucos ... você vai perceber que aquele aluno começa a se *indireitar* na carteira ... até sentar direito ... no que ele sentar ... se você se sentir confortável ... faça um contato ... como quem diz - - era isso que eu buscava ... era isso que eu (fu) queria - - mas não precisa dizer nada pra turma ... volte pra sua posição e continua a aula ... a mesma coisa pode acontecer ... quando o discurso é muito longo ... os alunos olham pro nada né? ... *cê tá falando* e um aluno fica ... NÉ? ... meio parece *cum* semblante meu abobalhado ... assim NÉ? ... não adianta a gente brigar com ele ... OH fulano olha para CÂ (os) ... e aí você acaba perdendo os demais NÉ? ... os alunos riem ... você perde aquele controle da turma ...

(Vídeo 2 - Como lidar com os alunos em sala de aula. Grifos nosso)

Seguindo com a nossa análise do vídeo 02 (dois) por meio do RD4, Leonardo inicia sua enunciação falada, salientando que, na hora de os professores lidarem com seus alunos, eles podem parecer ser um "maestro", evidenciando, assim, uma discursividade de que o(a) professor(a) tenha que ter total equilíbrio de seus alunos, os quais devem obedecer ao comando do(a) regente. No decorrer de sua enunciação falada, ele faz questionamentos, fazendo uma alusão de como o(a) professor(a) deve agir com seus alunos, e de que dessa maneira ele(a) terá o comando total dos alunos. Neste caso, observamos a restrição com a adjetivação do aluno com o seguinte enunciado: "o aluno que tá acomodado que tá displicente". Vemos que as recomendações se restringem aos(as) alunos(as) que incomodam. Contudo, questionamo-nos: todos(as) os(as) alunos(as) que incomodam se portam da mesma maneira? Obteremos os mesmos resultados caso seguimos as "regras e procedimentos" para estes(as) discentes?

Leonardo, afetado pela memória discursiva, tem a visão de que as pessoas criam, em volta de si mesmo, "uma raio de ação de proteção natural". Ele usa esse enunciado para explicar que alguns alunos criam um "círculo de proteção" e que, se o professor tentar invadir esse círculo, o aluno vai começar a prestar atenção na aula. Notamos uma discursividade que homogeneiza os(as) estudantes. Todos(as) os(as) discentes reagiriam da mesma maneira ao terem seu círculo de proteção invadido pelo(a) professor(a)?

Nesse mesmo momento de sua enunciação, Leonardo destaca que depois que o(a) professor(a) conseguir que o(a) aluno(a) se comporte, ele deve fazer algum

tipo de contato com este/esta aluno(a), que o leve a perceber que o(a) docente agora está satisfeito(a) com a posição do aluno. Leonardo, ainda, fomenta que se isso pode acontecer, também, quando o(a) professor(a), em sua aula, apresenta um discurso "muito longo", e que este(a) não deve chamar atenção daquele aluno e desconsiderar os outros alunos que prestam atenção na aula. Ao mencionar “o discurso é muito longo”, identificamos uma discursividade de culpabilidade do(a) professor(a) em relação ao(à) aluno(a) que “tá displicente”. Podemos, então, pressupor que os(as) professores(as) que possuem “discursos curtos” não enfrentarão essa situação por parte dos(as) estudantes? O que os locutores consideram como “discurso muito longo”? Não há explicação desses parâmetros.

Ademais, o Leonardo explica que, ao chamar a atenção do aluno, isso pode fazer com que o(a) professor(a) perca o "controle da turma", considerando que, frente a essa situação, “os alunos riem... você perde aquele controle da turma). Essa reação se pauta na experiência própria do locutor como professor ou na observação de aulas de outros professores?

Neste ponto, partimos para o próximo recorte discursivo. Vejamos o RD5 a seguir:

RD5:

entÃO nesse momento ... utilize gestos NÉ? ... você continua falando normal pra turma ... ma(i)s dá mais atenÇÃO aquele aluno que ta sendo perdido ... inicia com olhar ... introduz um olhar mais direto a ele ... se não der certo ... faça gestos para traze-lo de volta ... cê num precisa perder tanto tempo chamando atenção dele ... ((estalou os dedos)) estala um dedo chama um ... ((estalou os dedos)) estala outro dedo ... ou levanta aqui ... é um pouco da da (palavra repetida: da) orquestra ali ... tá? ... o professor tem que ter um pouco disso ... NÉ? ... um pouco da percePÇÃO ... ma(i)s não adianta depois o cara já ter se perdido no tempo na aula ... tem que ta ali ... começar a aula ligado no que ta acontecendo ... ê ... se a maioria dos alunos perder o contato visual com o professor ... aí ta complexo ... enquanto for um for outro ... a gente consegue orquestrar ... se for a grande parte da turma que esta dispersa ... é um momento de gerar d(ê) repente o que a gente já falou tamBÉM ... a quebra de estado ... para um pouco a aula ... conversa com a turma ... fala sobre temas poLÊMicos ... ma(i)s tem uma abordagem pra retornar ... então assim ... desde que você não perca tanto tempo com isso ... é importante quebrar o estado ... a última dica É ... se a turma for probleMÁTica ... faça com que ... em tempos em tempos ... gere um rodizio na sala de aula ... tire os alunos ... não é um aluno especificamente ... não coloque em voga aquele aluno NÉ? ... faça um rodizio geral da turma ... modifique a posição dos alunos ... é comum quando a gente chega num ambiente em que a gente não conhece tantas pessoas ... a gente sente num lugar ... no dia seguinte a gente acaba sentando no mesmo lugar até que os grupos se organizam ... quando os grupos se organizam ... aqueles bloquinhos de pessoas ficam sempre se misturando ... fa(i)z o seguinte ... troca essas pessoas de lugar ... e DÊ outra perspectiva a elas ... quando a gente olha de outro angulo é uma situação *disconfortante*... aquela pessoa que ta do meu lado ali ... eu *num*

conheço direito ... enTÃO ... ao mudar os alunos de lugar ... todos eles ... a gente acaba fazendo com que (o) a unidade do grupo se *disfaça* (o certo seria: desfaça) um pouco ... caso esse grupo seja forte em termos de bagunça ou pouca percePÇÃO da aula ... enTÃO ... vamos utilizar mais as ferramentas de controle de turma ... **e até a PRÓxima dica** ... abraço ... quer elaborar aulas mais eficazes? ... enTÃO se liga no canal do novo professor ... são TÉCnicas que você pode utilizar imediatamente para tornar o ensino e o aprendizado mais eficazes ... confira.

(VÍdeo 2 - Como lidar com os alunos em sala de aula. Grifos nosso)

No RD5, Leonardo continua sua explicação, mencionado que o(a) professor(a) pode utilizar "gestos" para chamar a atenção daquele aluno que "tá sendo perdido". O sentido que Leonardo traz é de que o professor deve usar diversas maneiras para chamar atenção de alunos dispersos, até mesmo com os dedos das mãos. Em seguida, Leonardo usa o termo "orquestra" para definir os alunos, em que traz um sentido de que o professor seria o "maestro" dessa "orquestra". Retoma a adjetivação do(a) professor(a) como maestro(a), em que, mediante uma ação do(a) professor(a), haverá uma (re)ação do(a) aluno(a).

Leonardo enfatiza que o professor deve entrar na aula sabendo de tudo que está acontecendo. Leonardo, ainda, menciona que, quando o professor perde o contato visual com a maioria dos alunos da turma, a situação está saindo do controle. Ele especifica que, "quando for um for outro ... a gente consegue orquestrar". O termo "orquestrar", nesse momento de sua enunciação, é utilizado para fazer alusão ao fato de que o professor consegue por muitas vezes harmonizar a turma.

Continuando a sua enunciação, Leonardo ressalta sobre "quebra de estado". Nesse enunciado, ele traz o sentido de que o enunciado "quebra de estado" se refere ao clima da aula. Ele continua dizendo que para que o professor consiga atenção da turma toda, ele pode parar o conteúdo da aula e trazer algo diferente para os alunos, como conversar assuntos da rotina dos alunos. Em seguida, Leonardo enuncia que vai falar a última dica. Ele usa, então, o termo "rodízio", para explicar que o professor pode mudar os alunos de lugar de "tempos em tempos". Quando Leonardo usa a palavra "rodízio", ele deixa explícito o sentido de que pode haver um revezamento em relação aos assentos dos alunos. Diferentemente dos recortes discursivos anteriores, cujas "dicas" se referiam à observação do(a) professor(a) e à aproximação deste(a) profissional ao(à) discente que importuna a aula, verificamos as seguintes dicas: conversar com a turma sobre temas polêmicos e/ou fazer rodízio entre os alunos, ou seja, mudá-los de lugar. A nosso ver, essas

“dicas” correspondem às ações corriqueiras do(a) professor(a) em aula. Não vemos como inovação nem ineditismo. As conversas professor-aluno acerca de questões do dia a dia, experiências pessoais ou profissionais, são comuns no espaço de sala de aula, assim como a estratégia de mudar os(as) alunos(as) de lugar. Qual(is) relação(ões) podemos arrolar se tomarmos essas “dicas” que não são inéditas, a nosso olhar, com o canal “Novo Professor”?

Leonardo termina sua enunciação, dizendo que é importante que o professor utilize "ferramentas de controle da turma". Nesse enunciado, considerando a linguagem como opaca e não transparente, o que seriam essas “ferramentas”? O que seria “controle da turma”? Seria os(as) alunos(as) emudecidos(as)? Percebemos que Leonardo não especifica que ferramentas são essas nem o que seria controle. É um enunciado, que pode deixar o interlocutor-telespectador confuso. Ao final, ele finaliza com o enunciado "até a PRÓxima dica", fazendo, novamente, alusão a algo curto e breve, porém, proveitoso. Nesse enunciado, percebemos, também, que o locutor tem a intenção de fazer com que o interlocutor volte para conferir a "PRÓxima dica". Consideremos, a seguir, o RD6:

RD6:

Leonardo: oLÁ professores ... tudo bem? ... estamos mais uma vez aqui Hansen e eu ... pra falar hoje com vocês sobre .... *a importância da voz na dinâmica da aula* ... é muito importante que a gente saiba doSAR o nosso tom de voz ... a forma com que a gente se expressa ... inclusive vou incluir na voz o gestual de sala de aula ... então ... existem ... VÁrios fatores ... uma SÉrie de fatores ... que eles VÃO nos ajudar de alguma maneira reter atenÇÃO dos alunos ... sem DÚvida nenhuma ... passa muito pela pela (houve repetição da palavra: pela) voz ... como a gente coloca essa voz pros alunos ... certo Hansen? ...

Hansen: certo ... e é importante a gente falar que a ideia do poder da voz ... ela não tá SÓ na figura do professor ... nós temos grandes oradores na história da humanidade ... grandes exemplos ... só que o professor é aquele que vive disso ... então ... a imporTÂncia de você destacar ... uma voz bem diNÂMica ... e bem dentro do contexto da aula ... é que às vezes um aluno ele não necessariamente gosta ... ou tem grandes habilidades ... ou grande refeRÊncias a sua maTÉria ... só que tá dentro do conjunto que ele tem que aprender ... enTÃO ... se ele já não tem uma grande queda pela maTÉria e o discurso às vezes é muito monotônico ... ele muda muito pouco ... ele manTÉM uma diNÂMica ... e ele tem que assistir aquilo as vezes por cinquenta minutos ... um e vinte ... um e quarenta ... talvez até independente da vontade dele ... ele não consiga acompanhar esse tempo todo ... coisa que não necessariamente acontece aqui com Vídeo ... NÉ Leo? ...

(Vídeo 3 - A voz como um diferencial para o professor. Grifos nossos)

O RD6 é iniciado com o locutor Leonardo, cumprimentando o público com o enunciado "oLÁ professores", o que demonstra a quem a enunciação será direcionada. Em seguida, ele enuncia que ele e Hansen (o segundo locutor) estão

de volta "mais uma vez" para falar sobre o uso da voz, como ferramenta na dinamização da aula. Ele enfatiza que a voz pode ser um importante auxiliar na hora de chamar a atenção dos alunos. Quando ele menciona que "a forma como a gente se expressar", Leonardo traz o sentido de que o professor tem que saber se expressar, saber como usar a voz de maneira adequada.

Em um segundo momento de sua enunciação, Leonardo questiona a Hansen se o que diz está correto, usando o enunciado "certo Hansen?". Nesse momento Hansen enuncia que concorda com a enunciação de Leonardo, e enfatiza que a "a ideia do poder da voz" não é usada apenas por professores, mas também por oradores famosos em nossa história. Podemos perceber, em seu enunciado, que ele acredita que a voz pode ser de grande importância na sala de aula, na hora de chamar a atenção dos alunos. Hansen menciona "a importância de você destacar ... uma voz bem dinâmica", o que traz o sentido de que a voz pode ser usada como forma de estimular os alunos. No decorrer de sua enunciação, Hansen menciona que, se a voz for usada da maneira correta, os alunos irão se interessar mais na aula. Observamos, neste recorte discursivo, a ênfase na voz do(a) professor(a), e vemos que a sua importância está na ajuda em "reter a atenção dos alunos". Veremos mais sobre o assunto no RD7, a seguir:

RD7:

Leonardo: é (porque) aqui é outro contexto ... é ... porque aqui a gente tá **lidando com professores ... são Vídeos pequenos** ... enTÃO a nossa voz interfere muito pouco nessa comunicação ... pra reter a atenÇÃO do aluno ... enTÃO ... numa sala de aula ... por exemplo ... acho que a primeira coisa que a gente tem que fazer ... é manter ou tentar manter um **discurso de conversa** ... eu fico muito feliz quando as pessoas - - eu converso lá fora com as pessoas Hansen - - e aGUÉM fala assim ... **para de dar aula** ... não não (repetição da palavra: não) TÔ dando aula ... eu dou aula do jeito que eu converso ... eu falo na sala de aula exatamente como eu falo na rua ... às vezes um pouco mais alto ... quando TÔ mais euFÓrico ... as vezes um pouco mais baixo ... e às vezes quando você TÁ ... na sala de aula que não pode acontecer justamente ... ficar no mesmo tom o tempo inteiro como Hansen falou ... enTÃO ... tem momentos que a gente tem que levar a voz ... acredito eu ... que não podem ser muitos (f)omentos ... uma vez que a gente trabalha com a voz ... se você elevar muitas vezes ... cê (o certo seria: você) pode ficar rouco ((fez um som com a boca)) ... sem falar que pausas são muito importantes no nosso discurso ... tem momentos que a gente acelera o discurso ... acelera o discurso (repetição da frase: acelera o discurso) ... pode ser que a gente deixa o aluno perdido ... ele vai ficando pra trá(i)s ... porque aquele discurso TÁ muito limpo na nossa cabeça ... quando começa a semana por exemplo ... a gente aTÉ TÁ pensando dê repente no que TÁ falando ... se TÁ lembrando da aula do ano anterior ... se acabou de preparar a aula ... na última aula da semana ... **aquilo TÁ TÃO autoMÁTico** ... que muitos professores acabam atropelando o discurso ... falam TÃO Rápido ... TÃO RÁpido (repetição da frase: tão rápido) ... que a turma não consegue entender...

(Vídeo 3 - A voz como um diferencial para o professor. Grifos nossos)

Continuando com as nossas considerações acerca do vídeo “A voz como diferencial para o professor”, o locutor Leonardo menciona a primeira “dica” para utilizar a voz, como meio de “reter a atenção a atenção dos alunos” (RD7), a saber: “manter ou tentar manter um discurso de conversa”. Segundo ele, é preciso que o(a) professor(a), na hora da aula, mantenha ou tente manter "um discurso de conversa", deixando o sentido de que o(a) professor(a) deve dar aula como se estivesse conversando com seus alunos. Entendemos essa “dica” como forma de preservar a voz do(a) profissional, para não forçá-la em demasia, pois “o professor é aquele que vive disso” (RD7). Mas, segundo o que nos apresenta, trata-se de uma “dica” que o locutor usa corriqueiramente, pois ele é professor e afirma: “eu dou aula do jeito que eu converso... eu falo na sala de aula exatamente como eu falo na rua”.

Diante deste enunciado, motivamo-nos a elaborar algumas questões: um(a) professor(a) do Ensino Fundamental I, ciclo da educação infantil, poderá usar essa “dica” de ministrar aula como “discurso de conversa” com seus(as) alunos(as)? Conseguirá este(a) professor “reter a atenção dos(as) estudantes? Considerando que o canal “Novo Professor” não restringiu o seu público alvo, professores(as) das escolas de Educação Básica brasileiras, públicas e privadas possuem as mesmas estruturas para que os(as) professores(as) possam executar suas aulas mantendo “discurso de conversa” tal qual realiza o Leonardo? Reflitamos sobre estas questões. Essas reflexões nos remontam às condições insalubres que assolam muitos professores em suas práticas pedagógicas. Contudo, há um efeito de reducionismo dessa situação por parte do proponente do vídeo, em que este afirma “tem momentos que a gente tem que elevar”, considerando que esses “momentos” fossem pontuais.

Leonardo endossa a eficácia da primeira “dica”, a qual citamos no parágrafo anterior, fazendo menção a um fato que aconteceu com ele, que, em seu relato, algumas pessoas falam para ele parar de dar aula. Vemos uma discursividade de desprestígio da carreira docente com o enunciado “para de dar aula”. Mas o locutor, Leonardo parece corroborar com tal discursividade porque ele afirma, segundo seu relato, “... não não (repetição da palavra: não) TÔ dando aula ... eu dou aula do jeito que eu converso ... eu falo na sala de aula exatamente como eu falo na rua”. Nesse enunciado, há o efeito de que Leonardo não se considera na mesma categoria que

os demais professores, como se estivesse apartado. Leonardo continua seu discurso, ainda, enfatizando sobre o uso da voz, e deve adequar sua voz a cada momento na aula, e que o professor deve fazer pausas em seu discurso, para não deixar que o aluno fique confuso e não compreenda o que ele está querendo passar. Ele ainda menciona que muitos professores "acabam atropelando o discurso", o que, para Leonardo, pode fazer com que a turma não compreenda o seu discurso de aula. Iremos adiante com o RD8:

RD8:

enTÃO **policia a velocidade** do discurso tamBÉM é muito importante ... às vezes ... alguns professores -- já vi muitas vezes de naturezas por exemplo ... Física ... mateMÁTica tamBÉM ... **VÃO fazer conta AÍ bota um neGÓcio** ... **num sei QUÊ** ... pergunta pros alunos (...) não é gente ... e **JÁ** respondem ... e aí por exemplo ... um produto sete vez oito ... **sei QUÊ** ... e o cara não **DÁ** tempo do aluno cognitar a **FÓRmula** da equaÇÃO que tem que usar ... **ele pergunta JÁ responde** ... o aluno se perde ... enTÃO ... muitas vezes a pausa tamBÉM é fundamental e isso incomoda ... o aluno que tava disperso ... você faz isso (...) ele levanta a cabeça na hora ... porque que aconteceu aqui ... o cara ta(va) falando o tempo inteiro ... parou porque ... nem que a pessoa faça isso **Ó** (...) **UÉ QUÊ que ouve** (da) ... a pausa as vezes funciona **TÃO** bem quanto um grito ... tem professores que **DÃO** tapa no quadro **NÉ?** ... se você pausar é a mesma coisa que **DÁ** um tapa no quadro ... porque mudou tanto ... foi tão ((barulhos com a boca)) **DRÁstica a mudança** do tom de voz ... da postura da voz ... que o aluno foi (foi) trazido de volta pra aquela aula **NÉ?**

Hansen: enTÃO a gente tem que entender que a voz ... ela é um poderoso instrumento que a gente tem ((barulho com o nariz)) ... nunca confunda o ser **monoTÔNico** com o falar baixo ((risos)) ... tem pessoas que erram justamente porque são **monoTÔnicas pra cima ... e gritam o tempo todo e não aguentam** ... e tamBÉM não é agraDÁVEL ... lembre sempre do poder da pausa ... deixa o aluno pensar ... deixa o aluno participar ... você consegue **fazer isso tudo através de uma boa diNÂMica de voz** ...

Leonardo: outra coisa que eu acho muito legal cara ... assim ... tem professores que falam com o tom de explicação ... acho que é tão legal falar com o tom de conversa **NÉ?** ... tem gente que fal(a) ... **DÁ** aula assim **Ó** -- enTÃO eu gostaria de dizer -- ((risos)) ... e ai fica com aquele discurso carregado da explicação ... não tem porquê ... inclusive tem professores que trabalham com a parte superior da voz durante muito tempo **NÉ?** ... e gritam ... enTÃO ... e ai ficam falando como se tivessem usan (...) aquilo ali ... essa voz que é muito carregada no peito ... ali nessa parte de cima aqui ... ela acaba que irrita o ouvido dos alunos ... enTÃO como o Ranssem diz "uma voz muito baixa pode ser que acomode mais os alunos" ... mas tamBÉM o tempo inteiro **LÁ** em cima ... é muito chato ... é muito irritante ... **enTÃO trabalhar a voz é bacana** ... certo Ranssem? ...

Ranssem: certo ... e tente juntar todas as **TÉcnicas de voz** aos momentos que você acha serem os mais importante da sua aula ... e pode ter certeza que quando você chama **atenÇÃO** pro que é mais importante ... a sua variação de voz passa a fazer muito mais sentido pro aluno ...

Leonardo: é isso enTÃO ...

Hansen: **aTÉ a PRÓxima** ...

Leonardo: **abraço...**

(VÍdeo 3 - A voz como um diferencial para o professor. Grifos nossos)

No RD8, Leonardo dá continuidade a sua enunciação que está transcrita no RD7, mencionando que o professor tem que "policiar a velocidade do seu discurso". Pensemos, então, no sentido engendrado ao usar o verbo "policiar", configura-nos o sentido de "ordem na fala", "de controle na hora da aula". De nossa perspectiva teórica, sabemos que não temos um controle daquilo que enunciamos, pois lidar com a língua é lidar com o real. No espaço de sala de aula, lida-se com a contingência. Ou seja, aquilo que enunciamos envolve materialidades da linguagem, por meio de concepções sócio-histórica e ideológicas.

Para mais, Leonardo menciona que "alguns professores", e aí ele usa como exemplo o professor de matemática, que no momento de, para usar seus dizeres "fazer conta", eles já dão a resposta para o aluno. Para explicar esse enunciado, o locutor menciona "Aí bota um neGÓcio ... num sei QUÊ". Nesse momento de sua enunciação, Leonardo deixa um sentido incompleto a seu discurso, o que para um material de circulação virtual pode deixar o público um pouco confuso.

O verbo "policiar" possui o complemento "velocidade", mas o que seria essa "velocidade"? No tocante à "velocidade", o locutor refere-se ao tempo que leva(m) o(s) aluno(s) a responder(em) na interlocução professor-aluno, e não à "velocidade" de dicção do(a) docente. Ele enfatiza que, muitas vezes, os professores, quando passam uma questão no quadro, antes de o aluno responder, o professor "JÁ responde", o que faz o aluno se perder na aula. Temos inscrita, novamente, a discursividade de culpabilidade do(a) professor(a), em que a "velocidade" deste em não aguardar a interação do(a) discente acarreta em sua perda na aula. Suponhamos que o(a) professor(a) "policie a velocidade do discurso", deixando que alguns alunos respondam às sequências matemáticas, podemos inferir que os demais da turma não estarão "perdidos na aula"? Leonardo salienta que é importante que o(a) professor(a), no momento da aula, dê pausas, o que vai deixar aquele "aluno que tava disperso" atentar ao que tá acontecendo. Ele faz menção à importância da pausa, mas do que "um grito", e diz que muitos professores "DÃO tapa no quadro". Podemos, perceber que ele faz uma crítica a esse tipo de comportamento de alguns professores, pois, para ele, muitas vezes isso não funciona como estratégia de reter a atenção daquele aluno que não está prestando a atenção na aula.

Leonardo continua a sua enunciação, mencionando que a mudança no tom da voz, ou seja, a pausa no discurso do professor pode ser "a mesma coisa que DÁ

um tapa no quadro", deixando o aluno sem entender o que foi que aconteceu, "porque mudou tanto". Percebemos que, nessa parte de sua enunciação, Leonardo compara a "pausa" com o "tapa no quadro", no intuito de aludir o interlocutor. Para tanto, Leonardo salienta que a "pausa" no discurso, na hora da aula, pode ser vista, até mesmo pelo aluno, como uma "DRÁstica" "mudança no tom da voz", o que evidencia uma maneira severa para alcançar aquilo que o professor quer, que é ter a atenção de todos os alunos em sua aula.

Em seguida, Hansen continua explicando novamente que a voz "é um poderoso instrumento que a gente tem". Percebemos um movimento de nomeação da "voz" como "poderoso instrumento", o que evidencia uma materialidade da língua em seu discurso. Em seguida, Hansen usa o termo "monoTÔNicas" para se referir a pessoas que não mudam a sua forma de dar aula, conseqüentemente, o seu tom de voz não se modifica também. Ou seja, a sua voz é usada da mesma maneira em todas as aulas, ou em tom baixo, ou em tom mais alto. Ele ainda salienta que, com a pausa, o aluno tem a vez dele de pensar e de participar de forma mais ativa na aula.

E salienta, ainda, que o professor pode fazer tudo isso apenas usando "uma boa diNÂMica de voz". Em seguida, Leonardo enuncia que acha "muito legal" professores que dão aula em "tom de conversa". Com isso, ele mostra, em seu discurso, uma certa admiração por esse tipo de professor, e dá um sentido de que professores que trabalham dessa forma, têm mais envolvimento com a turma e conseguem sempre um bom resultado em suas aulas.

Ele destaca que professores que tem o tom de voz "muito carregada no peito", acabam deixando o aluno desconfortável, para usar seus dizeres "irrita o ouvido dos alunos". Para tanto, Leonardo retoma o discurso de Hansen, que diz que "uma voz muito baixa pode ser que acomode mais os alunos". Nessa parte da enunciação de Hansen, a palavra "acomode" traz o sentido de que o aluno se sente mais confortável na aula daquele professor. Leonardo salienta que "trabalhar a voz é bacana". Nesse enunciado, percebemos que Leonardo usa o adjetivo "bacana", que produz o sentido de que seria uma coisa legal, que por esse motivo o interlocutor vai ter maior interesse em fazer esse trabalho com a voz.

Ao finalizar o vídeo, Hansen destaca que os professores devem "juntar todas as TÉCnicas de voz" nos momentos mais importantes da aula. Ele, ainda, enuncia que, se o professor fizer isso, "a sua variação" da voz fará, então, "mais sentido" aos alunos. Nesse sentido, inferimos que "policiar a voz" faz com que o aluno não fique

perdido, evita o fato de o(a) professor(a) bater no quadro para chamar a atenção do aluno e o aluno obterá mais sentido. Ele termina seu discurso, despedindo-se do público dizendo "aTÉ a PRÓxima", o que traz um sentido de que terão mais vídeos como este, fazendo o interlocutor se interessar a voltar a acessar o canal.

Partiremos, agora, para o RD9:

RD9:

Leonardo: **oLÁ pessoal** ... tudo bem? ... estamos aqui **mais uma vez** para falar um **pouquinho** mais sobre **TÉCnicas de aula** ... mais especificamente sobre os *Objetivos de Aprendizagem* ... que nada mais são do que objetivos que devem **ser traçados claramente pela instituição** ... para que o professor tenha certeza do que se deve fazer ao longo daquele ano ... os alunos tenham certeza do que deve ser aprendido naquele ano ... **para que a gente tenha eficiÊNcia no processo de aprendizado e as metas sejam cumpridas** ... na verdade a gente pode dividir dentro de um ano os objetivos em três partes ... certo Eduardo? ...

Eduardo: **com certeza Leonardo** ... na verdade **pessoal** ... o professor precisa ter em mente ... quais são as grandes metas a serem alcançadas dentro da aprendizagem ... **enTÃO tem que ficar bem claro que ... ao longo de um ano inteiro eu tenho um objetivo principal** a(o) alcançar com aquele ensino ... **eu tamBÉM tenho que ter o entendimento que a cada bimestre eu tenho determinadas metas menores à alcançar** ... assim como tamBÉM eu tamBÉM **tenho alguns objetivos menores** ainda no sentido de cada aula ...

(Vídeo 4 - Objetivos de aprendizagem. Grifos nossos)

No RD9, Leonardo começa a sua enunciação, cumprimentando ao público, usando, novamente, o vocativo "pessoal", que, em outros momentos, ele trocou por "Olá professores" e "Olá meus amigos", o que envolve e identifica o interlocutor com a sua enunciação. Em um segundo momento de sua enunciação, Leonardo enuncia "estamos de volta mais uma vez", o que evidencia que o locutor já esteve ali, fazendo com que o seu interlocutor busque os outros vídeos que já foram passados. Ele menciona que irá "falar um pouquinho sobre TÉCNicas de aula". Nesse enunciado, a palavra "pouquinho" é usada para dar sentido a algo curto, de pouco tempo ou duração, o que faz com que o público fique mais interessado.

O locutor Leonardo faz menção de que vai falar sobre "objetivos de aprendizagem", que, nesse caso, são os objetivos que a instituição, no caso a escola, deve passar para o professor, para que assim ele saiba o que deve fazer, e o que ele vai ter que alcançar em relação ao ensino e à aprendizagem de seus alunos "ao longo daquele ano". Ele salienta que os alunos, também, devem saber o que "deve ser aprendido" no decorrer de todo o ano. Nos cursos de licenciatura, os acadêmicos experienciam o espaço de sala de aula com as disciplinas de Estágios

Supervisionados Curriculares. A partir dessas disciplinas, os alunos são levados a elaborar planos de aula, por exemplo, e atender aos objetivos da aula e de aprendizagem dos alunos. No enunciado, o locutor atrela “os objetivos da aprendizagem” com “traçados claramente pela instituição”. Buscando jogar com certos efeitos de sentido, podemos relacionar a uma discursividade mercadológica. Imaginemos duas instituições de Educação Básica, uma pública e uma privada, as duas escolas teriam o mesmos objetivos de aprendizagem? Esse enunciado compõe uma rede de memória da educação como mercadoria em que as metas da empresa (escola) devem ser cumpridas, os(as) estudantes aprovados(as) no vestibular e os aprovados em cursos de prestígio devem ser publicizados, principalmente àqueles que passaram em carreiras de prestígio na nossa sociedade.

Leonardo enuncia que esses objetivos de aprendizagem oportunizam que o professor "tenha eficiência", no que se refere ao aprendizado dos alunos. Quando Leonardo usa a palavra "eficiência", ele deixa o sentido de que o professor deve ter competência para fazer com que os alunos aprendam. O que desconsidera o fato de que, muitas vezes, não é só o professor o responsável pelo aprendizado do aluno, a escola e os pais são peças fundamentais nesse processo.

Ele salienta que tais objetivos podem ser divididos "em três partes", e questiona a sua enunciação para Eduardo, que concorda e enfatiza que é preciso que o professor saiba "quais as grandes metas" que ele deve alcançar em relação à aprendizagem de seus alunos. Para isso, ele enuncia que "então tem que ficar bem claro" para o professor que "ao longo de um ano" ele tem um objetivo em foco principal a ser alcançado com a forma que ele está ensinando, dando aula. Para Eduardo, o professor tem que estar ciente das metas e dos objetivos que devem ser conseguidos no decorrer dos bimestres, e em cada aula. A partir do RD10, veremos as exemplificações de Eduardo em relação, ainda, aos objetivos de aprendizagem. Eis o RD10:

RD10:

dando exemplo ... sou professor de português ... **vamos supor** que ao longo de um ano ... o meu grande objetivo seja ... dar mais instrumentos ao meu aluno ... para que ele consiga interpretar melhor textos verbais e não verbais ... **SÓ** que eu tenho que entender que ao longo de cada bimestre ... eu quero chegar a esse objetivo principal do final do ano ... e aí (é) num bimestre eu tenho por exemplo ... o ensino das classes gramaticais ... assim como eu preciso entender que dentro de uma aula eu gostaria de ensinar especificamente a classificação dos substantivos ... conseguiu entender? ...

isso tem que tá muito claro pro professor ... quando ele preparar os objetivos da aprendizagem do aluno ... Leonardo: isso AÍ ... enTÃO ... na verdade cê ta me dizendo Eduardo ... é que a gente tendo o objetivo da aula ... **o aluno tem que aprender aquilo que a gente definiu** ... pra esse objetivo impactar diretamente no bimestre dele ... pra que depois esse bimestre bem resolvido ... vai impactar no ano ... pra que ele tenha as aÇÕES preparadas para o PRÓximo ano ... e aí sim novos objetivos seRÃO traçados ... para aquela nova SÉrie ... como desenvolvimento ((o outro fala ao mesmo tempo: com certeza)) vai acontecendo aos poucos ... beleza? enTÃO ... **a gente deixa como dica tambÉM** ... a leitura sobre a taxonomia de Bloom ... que vai falar sobre TRÊS doMínios de aprendizagem ... que são muito interessantes para que a gente possa dominar essa ideia dos objetivos de aprendizagem ... certo Eduardo ...

Eduardo: com certeza ... pessoal ... a gente tem esse conhecimento da taxonomia de Bloom que divide em TRÊS partes ... a parte cognitiva ... a parte atitudinal ... e a parte psicomotora ... a parte cognitiva muitos professores JÁ esTÃO bastante acostumados ... tendo em vista que é justamente a transfeRÊNCIA do conhecimento daquela maTÉria pro aluno ... a parte atitudinal seria justamente a transfeRÊNCIA dos valores ... das crenças ... dos ideais que aquela maTÉria quer passar pro (o certo seria: para o) aluno ... e a parte psicomotora seria justamente os trabalhos em cima das aÇÕES Físicas daquela disciplina ...

Leonardo: enTÃO é isso ... a gente veio trazer pra vocês objetivos de aprendizagem ... justamente pra gente ter certeza das metas que devem ser atingidas naquele ano ... pra formaÇÃO do indiVÍduo ... enTÃO ... aTÉ a PRÓxima ... um abraço a todos ...

Eduardo: tchau tchau (houve repetição da palavra: tchau) em?

(Vídeo 4 - Objetivos de aprendizagem. Grifos nossos)

No RD10, Eduardo começa sua enunciação dando exemplo sobre como o professor deve fazer em relação aos objetivos e à aprendizagem de seus alunos. Para isso, ele enuncia "vamos supor", o que demonstra uma certa aproximação com o público, no caso os professores. Eduardo enfatiza que, em relação aos objetivos e à aprendizagem dos alunos, o professor tem que estar a par de tudo o que deve fazer. Tomemos o enunciado "é que a gente tendo o objetivo da aula ... o aluno tem que aprender aquilo que a gente definiu", o locutor aciona, novamente, a temática do(s) objetivo(s) da aula, e outra vez insistimos na formação do(a) acadêmico(a) em que, na estrutura curricular dos cursos de licenciatura, há disciplinas de ESC, mencionamos isso em nossos apontamentos no RD9. Vejamos, considerando que os(as) acadêmicos(as) perpassam por disciplinas de estágio e, certamente, na aula com estudantes ou nas orientações com o(a) professor(a) da disciplina, em algum momento; na teoria ou na prática, elaboraram o plano de aula e traçaram objetivo(s) da aula, de aprendizagem. O que há de novo nessa "dica", se ponderamos sobre a formação docente nos cursos de licenciatura, em especial com as matéria de ESC? E mais: recordemos que são "dicas para aulas melhores". Por que o canal "Novo Professor" remonta às questões que são teorizadas nos cursos de licenciatura? Pressupomos que eles estão partindo da idéia de que os(as) acadêmicos(as)

esquecem, daí a necessidade de rememorar, por meio dessas “dicas”, ou nunca aprenderam, e os(as) telespectadores-professores estão vendo pela primeira vez.

Ainda com relação ao enunciado em tela e as “dicas” que problematizamos e analisamos, podemos pensar que as questões que o locutor apresenta dirigem-se aos(às) professores(as) não licenciados(as). Sabemos que há muitos docentes nas salas de aula que são bacharéis, encontram-se, por exemplos, em instituições de ensino privadas. Neste sentido, essas “dicas” que, a nosso ver, não apresentam ineditismo nas licenciaturas (considerando o título do canal: “Nosso Professor”), estejam destinadas a estes(as) profissionais bacharéis. Então, diante do que depreendemos, há uma discursividade de descartabilidade do(a) licenciado(a), uma vez que bastaria um(a) bacharel acessar o canal “Nosso Professor”, acampar as “dicas” apresentadas, e este(a) que está(rá) em sala de aula alcançará por meio de “dicas para aulas melhores” um trabalho docente eficiente.

O segundo locutor Leonardo questiona a Eduardo se o que ele quis dizer é que, se o professor tem um objetivo em determinada aula, o aluno deve "aprender aquilo que a gente definiu". Em seu enunciado, Leonardo traz o sentido de que o aluno tem de aprender apenas aquilo que foi definido pelo professor. Sabemos que em uma aula o aluno pode aprender muito mais do que é planejado pelo professor.

Dando continuidade à análise da enunciação de Leonardo, ele menciona que "deixa com dica também" que o seu interlocutor faça "a leitura sobre a taxonomia de Bloom". E explica que essa leitura fala sobre "TRÊS doMínios de aprendizagem", enfatizando que tal leitura pode ajudar ao professor no processo de compreensão e dominação em relação aos objetivos e às aprendizagem. Eduardo continua a falar sobre a "taxonomia de Bloom", explicando que ela faz uma divisão da parte cognitiva, atitudinal e psicomotora. Ele enfatiza que, sobre a parte cognitiva, muitos professores já conhecem, e a parte atitudinal se refere aos valores que o(a) professor tem que transferir para o aluno; por último, concernente à parte psicomotora, o professor deve trabalhar "em cima das aÇÕES Físicas" de determinada disciplina.

Para terminar, Eduardo pondera que era isso que eles queriam trazer ao público, no caso os professores, para que eles saibam organizar as metas e os objetivos que desejam alcançar. Ele termina se despedindo do público, dizendo "aTÉ a PRÓxima", o que evidencia a sua volta em outros vídeos, e ele enuncia, também,

"um abraço a todos" no intuito de ter uma reciprocidade do público. Vejamos o RD11:

RD11:

oLÁ **meus amigos** ... tudo bem? ... hoje eu Tô (o certo seria: estou) aqui pra continuar aquele tema muito interessante que é COMO RETER A ATENÇÃO DOS NOSSOS ALUNOS ... depois da contextualização e da interdisciplinaridade ... chegou a hora de ... às vezes em nossas aulas buscar gerar atividades ... na verdade eu entendo que ... em muitas vezes ... os **nossos** conteúdos são tão complicados e tão complexos ... que os nossos alunos começam a franzir a sobrancelha ... se acomodar um pouco estranho na cadeira ... começam a abandonar pela dificuldade do conteúdo ... claro que muitas vezes a gente pode falar com os alunos -- gente é difícil mas vocês vão conseguir -- mas ... todas as vezes que a gente for ensinar um conteúdo denso ... um conteúdo difícil ... é muito importante que em seguida a gente faça um exercício ... a gente gera um desafio ... e aí quando você mostra o exercício que se esse (esse) tema nem é tão difícil assim ... o aluno se realoca ... o aluno se ajeita e fala -- caramba eu acho que vai dar para dar continuidade -- por exemplo ... em física isso é muito comum ... sempre que eu passo por uma matéria muito difícil ... em seguida eu faço um ou dois ou três exercícios ... para que eles vejam ...

(Vídeo 5 - Como tornar a aula mais dinâmica: geração de atividades. Grifos nossos)

No RD11, o locutor começa a sua enunciação, cumprimentando a todos com o vocativo "amigos"; Que dá sentido de uma aproximação com o público/professores. Em seguida, ele usa a pergunta "tudo bem?", no intuito de mostrar um sentimento de afeto e de preocupação para com seu público. Dando continuidade à sua enunciação, o locutor Leonardo menciona que irá dar continuidade ao tema "como reter a atenção dos nossos alunos". Notamos a retomada dessa temática; nesse sentido, inferimos que basta reter a atenção dos(as) alunos(as) para que as aulas sejam exitosas. Quando ele usa o enunciado "continuar aquele tema", ele faz alusão de que ele já havia falado sobre o assunto, mas precisa retomar o tema em questão. O que produz o sentido de que o assunto ou tema não foi completado. Ele enfatiza que, nessa parte, será apresentado como o professor deve chamar a atenção dos alunos, gerando atividades.

Leonardo menciona que "em muitas vezes ... os nossos conteúdos são tão complicados e tão complexos". Abrimos para algumas interpretações, vejamos: os conteúdos são complicados e complexos para didatizar? Os conteúdos são complexos e complicados para o(a) professor(a) ou para os alunos? O que é complicado e complexo para o(a) professor(a) implica ser também para os discentes? Em seu enunciado, Leonardo usa o termo "nossos" que evidencia uma relação com o interlocutor. Ele enfatiza que, devido à dificuldade do conteúdo, o

aluno pode desistir de tentar compreender aquilo que está sendo passado. Leonardo faz menção à importância de o professor estimular os alunos, no momento em que eles não estão conseguindo compreender determinado conteúdo. Ele menciona, ainda, que é preciso que o professor "faça um exercício". Para dar complemento a sua enunciação, ele nomeia o "exercício" como "desafio". A palavra "desafio" traz o sentido de que o professor deve deixar que o aluno se desafie, pense no exercício como se fosse uma competição.

Em sua enunciação, percebemos que ele pretende incentivar o(a) professor(a) a gerar mais atividades em suas aulas. Para tanto, ele dá exemplo de como ele faz em suas aulas, mencionado que, nos momentos em que ele apresenta um conteúdo difícil para seus alunos, ele faz "um ou dois ou três exercícios", fazendo alusão de que, assim, o aluno vai compreender totalmente o conteúdo apresentado. A seguir, o RD12:

RD12:

**Ó nem é tão difícil assim essa teoria** ... na hora de aplicar basta fazer isso ... matemática também é muito comum ... agora outras matérias como história ... geografia ... biologia ... que é muito conteúdo / **muitas vezes os professores reclamam** -- falta tempo ... eu não consigo fazer exercício -- se **o tema for denso** ... é importante mostrar a forma que aprova os vestibulares ou as provas do colégio ... abordam aquele tema ... cite um exemplo ... peça para que dois alunos conversem durante dois minutos ... um minuto ... três minutos sobre aquele tema e gere a resposta ... **Dê** possibilidades a eles -- **será** que aconteceria isso ou **será** que aconteceria aquilo? -- gere atividades ... todas as vezes que os nossos alunos se engajam nas atividades e acertam ... principalmente as respostas ... certamente eles **dão** um voto de confiança aquela matéria ... caramba alunos que acertam costumam dizer que a matéria é legal ... e se motivam pra continuar estudando ... agora tenha certeza de que o conteúdo está claro ... ele estando claro a maioria dos alunos conseguirá entender ... e (aquele) até aqueles alunos que erraram a questão ... se eles (você) o professor percebe o porquê ele errou ... **Já** tira a dúvida naquele momento ... **intervém** no problema para que a aula tenha segmento ... porque se o aluno tiver uma dúvida num determinado tópico ... e parar pra analisar aquele tópico ... enquanto professor andou com a matéria ele se perdeu ... e aquilo é um abraço pro aluno ... porque ao se perder ele conversa com amigo do lado ... ele pega o celular ... ele perdeu a conexão da aula ... **então** ao gerar atividade ... ao passar o exercício em sala de aula ... é uma forma de trazer o aluno de volta ... **(então)** lembre-se ... num conteúdo denso ... se os alunos começam a se posicionar de forma diferente na sala ... porque aquilo tá (o certo seria: está) muito difícil ... gere uma atividade ... por exemplo ... gere um exercício como desafio ... e traga os alunos de volta ... faça uma quebra de estado para que eles estejam sempre conosco ... pra que a aula vá até o final em grande intensidade ... até a próxima dica ... e um abraço galera -- ((música)) quer elaborar aulas mais eficazes? ... **então** se liga no canal do novo professor ... são técnicas que você pode usar imediatamente para tornar o ensino e o aprendizado mais eficazes ... confira.

(Vídeo 5 - Como tornar a aula mais dinâmica: geração de atividades. Grifos nossos)

No RD12, Leonardo enfatiza que "nem é tão difícil assim essa teoria". Vemos, então, que a visão complicada e complexa de conteúdos são concernentes aos(as) estudantes. O seu enunciado mostra que ele usa um embasamento maior, quando ele usa a palavra "teoria", ou seja, ele demonstra que o que está passando para o público é teórico, tem embasamento, o que faz os professores se interessarem em usar as dicas passadas nesse tipo de vídeo. Para tanto, Leonardo busca dar como exemplo os professores de matemática, que, para ele, dão aula da maneira que ele explicou, gerando atividades, no decorrer das aulas. Ele enfatiza que, em relação a outras matérias, como "hisTÓria ... geografia ... biologia ...", os professores justificam que não têm tempo suficiente para gerar muitas atividades, por serem disciplinas que tem muito conteúdo.

Nesse momento, Leonardo menciona que, "se o tema for denso", o professor deve mostrar para os seus alunos como são as provas dos vestibulares e do colégio em relação a determinado tema. No trecho "é importante mostrar a forma que aprova os vestibulares ou as provas do colégio, abordam aquele tema", podemos retomar à discursividade mercadológica que mencionamos nas análises antecedentes. Acionamos a rede de memória em que consideram a Educação Básica enfocada apenas na aprovação em vestibular e que seria esse seu fim único e principal. Nesse sentido, recuperamos aquele famoso enunciado que o(a) professor(a) utiliza como estratégia para reter a atenção do(as) estudantes, a saber: "isso cai no vestibular".

Em seguida, para que o seu interlocutor compreenda melhor, Leonardo completa sua a enunciação, dizendo que o professor pode citar exemplos durante a aula, e pedir para que os alunos conversem entre si sobre o tema "e gere a resposta". O discurso de Leonardo demonstra o sentido de que os professores das disciplinas citadas por eles têm muitas dificuldades na hora de gerar atividades. Sabemos que em relação à disciplina de Língua Portuguesa tem muita literatura e gramática, e que, na parte da literatura, essa "teoria" de gerar atividades pode ser um pouco enfática, pois esse conteúdo tem muito a ver com interpretação textual. Já, na parte da gramática, os professores demandam do professor fazer muitas atividades, mas que esteja de acordo com o sistema epilingüístico.

Continuando a sua enunciação, Leonardo destaca que, quando o professor estimula os alunos em atividades relacionadas ao conteúdo, eles vão se engajar, ou seja, esforçar-se mais para compreender o que se pede e acabam acertando as respostas, o que os faz gostar mais da matéria e veem um motivo a mais para continuar estudando. Nessa enunciação, percebemos a importância que Leonardo dá para a "teoria" de gerar atividades, o que pode ser um pouco falha tal teoria, levando em consideração que muitos alunos não gostam de atividades escritas, ou que fazem com que eles raciocinem. Leonardo, também, menciona, em sua enunciação, que o(a) professor(a) deve estar atento às possíveis dúvidas dos alunos em relação à atividade proposta por ele na aula. Ele destaca que se o aluno "se perder ele conversa com amigo do lado", o que pode prejudicar o segmento da aula.

Para Finalizar, no RD12, Leonardo enuncia que, "ao gerar atividade", o(a) professor(a) estava fazendo com que o aluno volte a se interessar pela aula. E retoma, na sua enunciação, que se o conteúdo que o professor está passando for um "conTEÚdo denso", é importante que o(a) professor(a) proponha uma atividade, "gere um exerCício como desafio". Quando ele usa o termo "denso", percebemos um pouco de ênfase em seu discurso em relação a conteúdos que seriam, para Leonardo, muito difícil, o que traz o sentido de que o(a) professor(a) deve propor algo mais compreensível ao aluno. Em seguida, Leonardo deixa a entender que, com um desafio proposto pelo professor, o aluno irá voltar a ter conexão com a aula. Para tanto, Leonardo enfoca ao professor "... faça uma quebra de estado para que eles estejam sempre conosco ...". Em seu enunciado, percebemos que Leonardo se coloca em um contexto em que ele estaria junto ao público, no caso os professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, filiados à perspectiva da Análise de Discurso francesa, preconizada por Michel Pêcheux, problematizamos e analisamos cinco vídeos do canal "Novo Professor", os quais estão disponíveis na plataforma virtual *youtube*. A partir de nossa ancoragem teórica, considerando estes vídeos como objetos simbólicos, interessamo-nos no modo pelo qual essas materialidades significam. Nesse sentido, problematizamos o que era da ordem da evidência na roupagem de “dicas para preparar aulas melhores”, sendo esta umas das categorias de vídeos apresentadas no canal “Novo Professor”. Assim, munidos dos dispositivos teórico-analíticos pecheutianos, analisamos como se configuram estes objetos simbólicos e buscamos compreender o funcionamento discursivo das materialidades discursivas que compunham o nosso *corpus*.

Observamos que, nos dias atuais, a circulação desse tipo de material, “dicas” de aulas destinadas a professores, tende a se intensificar e se difundir, considerando a quantidade de visualizações de telespectadores-professores que mencionamos ao longo deste trabalho. Esses materiais aportam discursividades prontas e acabadas para o professor em formação inicial. Muitos professores tomam esses materiais simbólicos como parâmetros para a execução de uma aula, imbuídos, talvez, do imaginário de que seguir a prescrição das “dicas” acarretasse numa relação biunívoca de ação-reação. Perguntamo-nos se os(as) professores(as) que buscam e se apoiam nesses materiais os problematizam e analisam ao acessarem essas plataformas? São questões suscitadas a partir de nossa investigação e que merecem trabalhos *a posteriori*. Compreendemos que esses profissionais acabam por serem vistos como meros consumidores, pois, a sua postura frente a esse tipo de material, é de investimento por meio de uma subjetivação de materiais que denominamos, neste trabalho, de “*prêt-à-porter*”.

As discursividades de materiais prontos para usar e consumir estão dentro de um contexto meramente tecnicista, permeando uma dominância do capitalismo neoliberal existente em nossa sociedade, em que tudo é visto como mercadoria. Para tanto, os vídeos foco de nossas análises evidenciam que basta o professor seguir todas as “dicas” enunciadas, para que ele obtenha uma aula de “excelência”. Nesse momento, questionamos: qual(ais) parâmetro(s) para uma aula de excelência? Não está evidente nos vídeos que analisamos. Contudo, em nossos

recortes discursivos, vemos que as muitas “dicas” salientaram em reter a atenção dos(as) alunos(as). Então, seria este um parâmetro de aulas excelente? Além do mais, a partir de nossos recortes discursivos, apreendemos a inscrição de discursividades que culpabilizam o(a) professor(a) pelo êxito das aulas. Estes são responsáveis pelo interesse do aprendiz, por reter a atenção do(a) estudante, deve “policiar a velocidade do discurso” etc. Lançamos alguns questionamentos: será o(a) o único(a) responsável? Em que momento podemos apontar a(s) responsabilidade(s) do(s) estudantes no êxito das aulas? Podemos arrolar as condições de trabalho dos(as) professores(as)? Há materiais didáticos disponíveis? As escolas possuem estruturas físicas adequadas? Poderíamos elencar infindas questões alusivas às aulas de excelência.

Em nossas considerações analíticas, elencamos discursividades que rarefaz e subestima a formação docente. Como ressaltamos na introdução deste trabalho, as disciplinas de Estágios Supervisionados Curriculares (ESC) buscam preparar o futuro professor, no que se refere ao desenvolvimento de suas metodologias e à didática de ensino, o que envolve uma formação crítica e teórica. Consideramos o ESC de grande relevância na hora de analisar e de articular esses tipos de materiais postos em circulação. Em relação à formação profissional do(a) professor(a), é esperado que este problematize as questões que envolvem o percurso de uma aula.

De acordo com Agustini, Leite e Gouveia (2019), salientamos que são esperados, principalmente, docentes que tenham conhecimentos que os possibilitam problematizar e questionar as marcas de uma lógica de funcionamento que envolve o discurso neoliberal que se (im)põe à educação na sociedade. A circulação de materiais prontos e acabados para o professor, por meio de plataformas virtuais, tende a dar maior ênfase à educação como mercadoria. No tocante às discursividades enunciadas nesses materiais, podemos dizer que significam o professor como um mero consumidor, o que deflagra uma desconstrução de sentidos que são construídos em uma aula. Seguindo essa vertente mercadológica, os saberes passam a ser dimensionados ao simples acesso a informações. Com isso, percebemos que é fundamental que a educação não seja colocada em um patamar de mera mercadoria, havendo, assim, o acontecimento da formação de professores críticos e conscientes da sua importância na e para a educação.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTINI, C. L. H.; LEITE, J. D. D.; GOUVEIA, R. A. Planos de aula de língua portuguesa em plataformas virtuais: das projeções metodológicas às suas inconsistências. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. XXII, p. 57-86, Janeiro/Março 2019. ISSN ISSN.

BRASIL. Planalto. **Da Definição, Classificação e Relações de Estágio**, Brasília, 2008.

DESIDÉRIO, P. M. M. Uma leitura do sujeito virtual nas mídias sociais e as contribuições da análise do discurso. **Cadernos de Comunicação**, Santa Maria, v. XVII, p. 325-345, Janeiro-Junho 2013. ISSN ISSN.

GOMES, Leonardo; VALLADARES, Eduardo. Preparando a aula. 2015. (3m59s) Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=0ea4Kyo\\_Pvw&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=20&t=0s](https://www.youtube.com/watch?v=0ea4Kyo_Pvw&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=20&t=0s)>. Acesso em: 11 de jun. de 2018.

GOMES, Leonardo. Como lidar com os alunos em sala de aula. 2015. (5m3s) Canal Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QmqU8wUPFA&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=5>>. Acesso em: 11 de jun. de 2018.

GOMES, Leonardo; HANSEN, Cláudio. A voz como um diferencial para o professor. 2016. (4m41s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZABJjLvm0A&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=2>>. Acesso em: 12 de jun. de 2018.

GOMES, Leonardo; VALLADARES, Eduardo. Objetivos de Aprendizagem. 2015. (3m12s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eb4yulysvgY&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=20>>. Acesso em: 12 de jun. de 2018.

GOMES, Leonardo. Como tornar a aula mais dinâmica: geração de atividades. 2015. (3m24s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mBjvyMuNm2Q&list=PLzls3JSOs8x81eakto43bWnIOS9G1Z15S&index=9>>. Acesso em: 14 de jun. de 2018.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4<sup>o</sup>. ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 6<sup>o</sup>. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos** - 6<sup>a</sup> ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do obvio** / Michel Pêcheux; tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

\_\_\_\_\_ (1969). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux** / Organizadores Françoise Gadet; Tony Hak; tradução Bethania S. Mariani... [et al.] – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.